



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 7 - SAFRA 2019/20 - N. 9 - Nono levantamento | **JUNHO 2020**



Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Guilherme Soria Bastos Filho

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Cláudio Rangel Pinheiro

Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor - Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sérgio de Zen

Superintendente de Informações do Agronegócio (Suinf)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Candice Mello Romero Santos

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Carlos Eduardo Gomes de Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Jeferson Alves de Aguiar

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Leticia Bandeira Araújo (estagiária)

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Andrezza Lima Coelho Cardoso (estagiária)

Carlos Eduardo Meireles de Oliveira (estagiário)

Davi de Paula Granato Valin (estagiário)

Fernando Arthur Santos Lima

Giuseppe Fernandes Martins Cortizo (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Thiago Lima de Oliveira (menor aprendiz)

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 7 - SAFRA 2019/20- N. 9 - Nono levantamento | **JUNHO 2020**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 7 - Safra 2019/20 - Nono levantamento, Brasília, p. 1-66, junho 2020.

Copyright 2020 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho); Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo).

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcelos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Getúlio Moreno, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benacil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Slomoszynski, Rafael Arruda (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Allan Salgado, Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça (PR); Hélcio de Melo Freitas, Thiago Pires de Lima Miranda, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sousa Sobrinho (PI); Ana Paula Pereira de Lima; Cláudio Chagas Figueiredo; Olavo Franco de Godoy Neto (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcideman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); Cezar Augusto Rubin, Luana Schneider, Marcelo Siste Campos, Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Marco Antonio Garcia Martins Chaves, Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondonia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (RuralTins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Defesa Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater/RJ); Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac) / Gerência de Eventos e Promoção Institucional

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Marília Malheiro Yamashita

Fotos

Início: Lavoura de girassol PAD-DF - Final: Lavoura de milho 2ª safra - Sureg - MS

Normalização

Thelma das Graças Fernandes Souza – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad) / Gerência de Protocolo, Arquivos e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título

SUMÁRIO



1. Resumo executivo	8
----------------------------------	----------



2. Introdução	10
----------------------------	-----------



3. Estimativa de área, produtividade e produção	11
--	-----------



4. Análise climática - Inmet	19
---	-----------



5. Análise das culturas	24
--------------------------------------	-----------

5.1. Culturas de verão	24
------------------------------	----

5.1.1. Algodão	24
----------------------	----

5.1.2. Amendoim	27
-----------------------	----

5.1.3. Arroz	28
--------------------	----

5.1.4. Feijão	30
---------------------	----

5.1.5. Gergelim	40
-----------------------	----

5.1.6. Girassol	40
-----------------------	----

5.1.7. Mamona	40
---------------------	----

5.1.8. Milho	41
--------------------	----

5.1.9. Soja	47
-------------------	----

5.1.10. Sorgo	51
---------------------	----

5.2. Culturas de inverno	53
--------------------------------	----

5.2.1. Aveia	53
--------------------	----

5.2.2. Canola	53
---------------------	----

5.2.3. Centeio	53
----------------------	----

5.2.4. Cevada -----	54
5.2.5. Trigo -----	54
5.2.6. Triticale -----	55

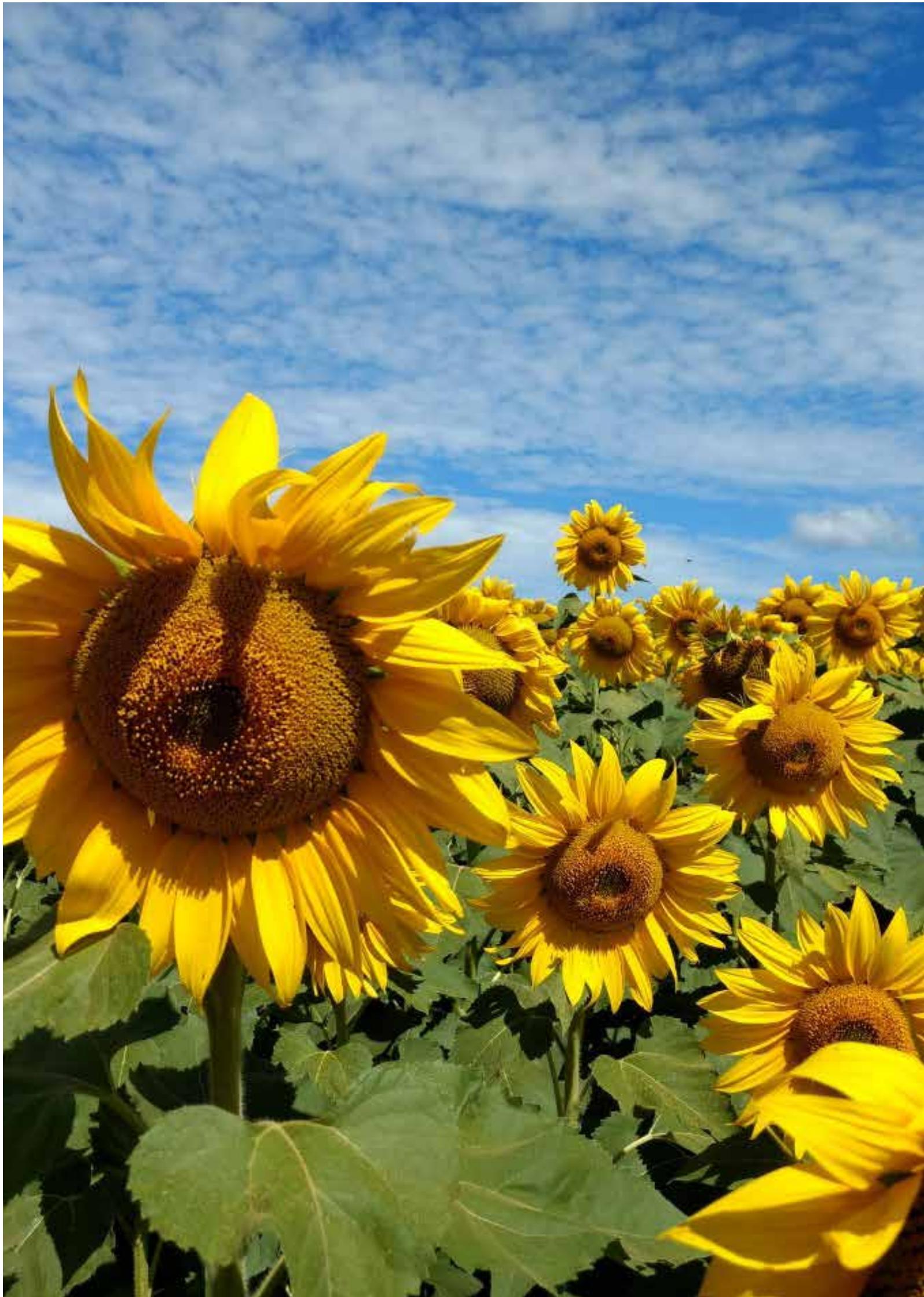


6. Balanço de oferta e demanda ----- 56

6.1. Algodão -----	56
6.2. Arroz -----	57
6.3. Feijão -----	57
6.4. Milho -----	58
6.5. Soja -----	58
6.6. Trigo -----	59



7. Calendário agrícola de plantio e colheita ----- 61





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2019/20

Neste nono levantamento para a safra de 2019/20, vem se confirmando o crescimento da produção de grãos no país, recorde, estimada em 250,5 milhões de toneladas, 3,5% ou 8,5 milhões de toneladas, superior ao colhido em 2018/19. Com a área das culturas de primeira safra praticamente colhida, e as de segunda em andamento, ainda depende da conclusão do plantio das culturas de inverno e do comportamento climático, que pode influenciar na produtividade destas culturas.

Para a obtenção desse resultado, a área semeada totaliza 65,6 milhões de hectares, o que representa um crescimento de 3,6% ou 2,3 milhões de hectares, sobre a da safra passada.

Algodão: produção de pluma estimada em 2,89 milhões de toneladas, 3,9% superior à safra passada. As condições climáticas vêm favorecendo o bom desenvolvimento das lavouras.

Arroz: com a colheita próxima a finalizar-se, a produção está estimada em 11,1 milhões de toneladas, 6,5% superior ao volume produzido na safra passada. Dessas, 10,2 milhões de toneladas em áreas de cultivo irrigado e 0,9 milhão de toneladas em áreas de plantio de sequeiro.

Feijão segunda safra: produção estimada em 1,24 milhão de toneladas, redução de 4,9% sobre a da safra anterior. Colheita em andamento.

Feijão terceira safra: cultura em fase final de plantio. Área estimada em 575,1 mil hectares, redução de 1% sobre a área da safra passada.

Feijão total (primeira, segunda e terceira safras): produção de 3,07 milhões de toneladas, 1,9% superior ao obtido em 2018/19. Lavouras de segunda safra em processo de colheita e, de terceira safra finalizando o plantio. Dessa produção 1.864,4 mil toneladas são de feijão-comum cores, 701,1 mil toneladas de feijão caupi e 508,8 mil toneladas de feijão-comum preto.

Milho primeira safra: produção de 25,4 milhões de toneladas, 0,8% inferior à safra passada, colheita praticamente encerrada.

Milho segunda safra: produção recorde, estimada em 74,2 milhões de toneladas, crescimento de 1,4% sobre a produção de 2018/19, colheita em andamento.

Milho terceira safra: com os plantios em maio e junho

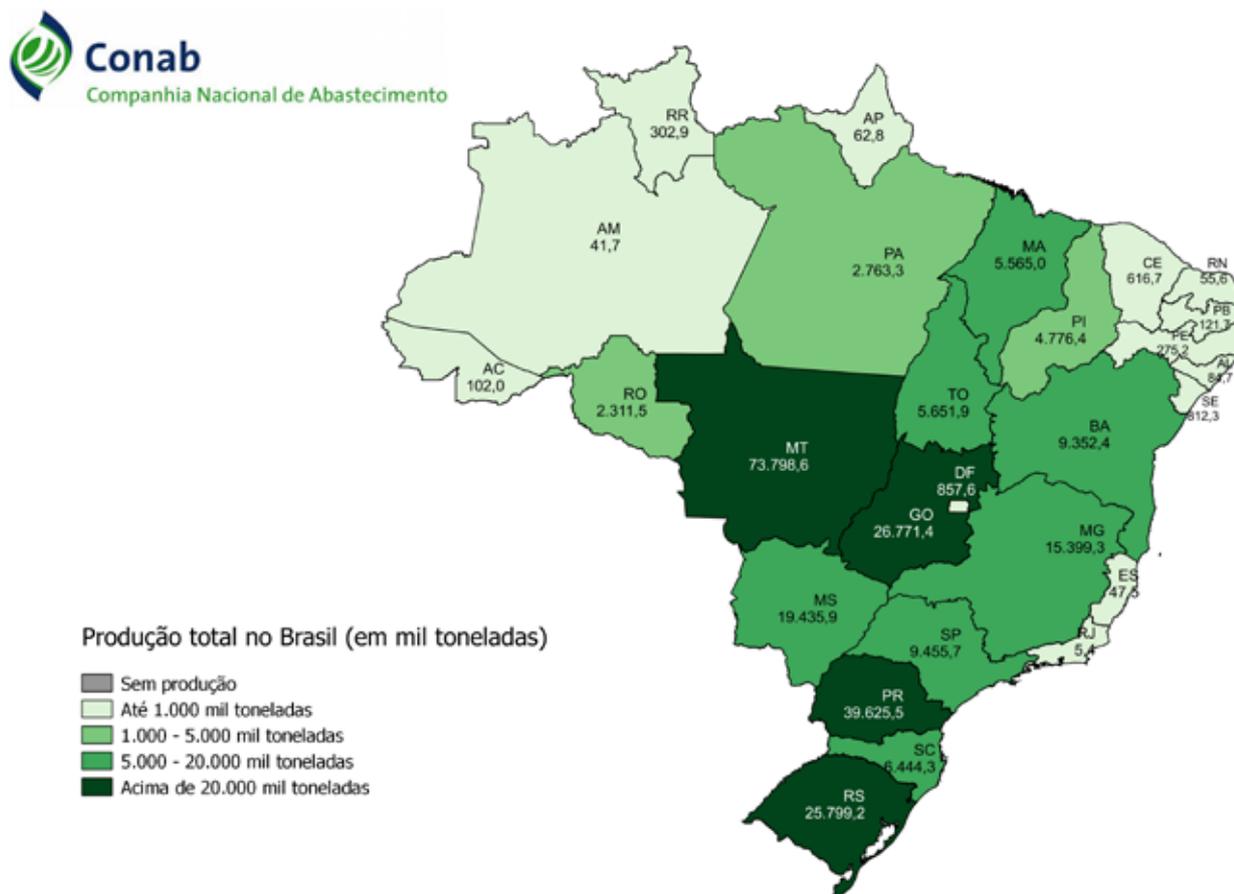
na região de Sealba (Sergipe, Alagoas, nordeste da Bahia) e, em Pernambuco e Roraima, as estimativas iniciais indicam uma área plantada em torno de 519,8 mil hectares, e produção de 1,33 milhão de toneladas.

Milho total: a estimativa nacional de plantio do milho, considerando a primeira, segunda e terceira safras, na temporada 2019/20, deverá apresentar uma área de 18,5 milhões hectares, e uma produção recorde de 101 milhões de toneladas.

Soja: produção recorde, estimada em 120,4 milhões de toneladas, ganho de 4,7% em relação à safra 2018/19.

Culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada trigo e triticale): plantio em andamento. Estima-se crescimento de 5,5% na área a ser plantada. Especificamente para o trigo, o plantio está em andamento e as perspectivas são boas, indicando crescimento de 6,7% na área a ser cultivada, situando-se em 2,18 milhões de hectares e a produção dependendo, do comportamento climático, em 5,7 milhões de toneladas.

Figura 1 - produção total no Brasil (em mil toneladas)





2. INTRODUÇÃO

A Conab tem, dentre as suas atribuições, a tarefa de levantar, consolidar e divulgar, após metódica análise, as informações referentes ao tamanho da safra agrícola brasileira, com periodicidade mensal, obedecendo a um calendário previamente divulgado para a sociedade.

Esse trabalho é realizado utilizando, em média, 80 técnicos das diversas superintendências regionais distribuídas pelo país, que se deslocam para as zonas produtoras e, de forma presencial, contatam aproximadamente 900 informantes cadastrados, que formam a base da pesquisa. Essa é a estrutura montada pela empresa para elaborar uma ação que hoje se tornou referência internacional na produção de estatísticas para o agronegócio brasileiro.

As ações estabelecidas pela empresa para o levantamento das safras continuam em linha com as determinações federais de combate à pandemia do coronavírus, que destacam, entre outras medidas, a necessidade do isolamento como forma de atenuar os impactos na saúde das pessoas. Essas medidas de combate obrigaram a empresa a fazer adequações na sua rotina, procedendo a suspensão de viagens, contatos presenciais, visitas às lavouras etc. e, em ato contínuo, instruiu as diversas dependências da empresa a intensificar o uso das ferramentas de tecnologia disponível e reforçar as parcerias, de maneira a não comprometer a qualidade dos serviços.

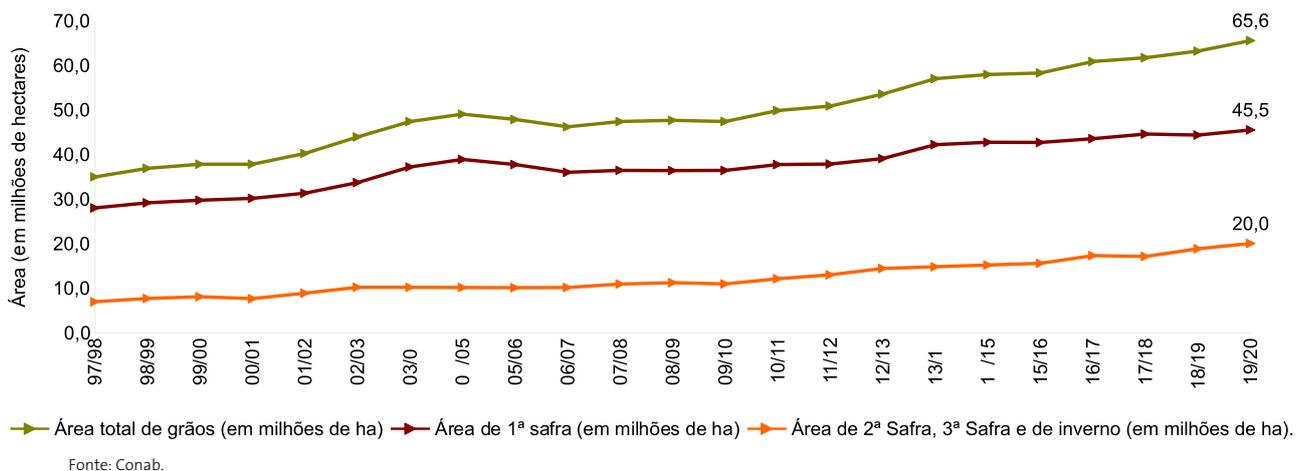


3. ESTIMATIVA DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

Com a colheita da soja finalizada, as lavouras de milho segunda safra, variando do plantio à colheita em importantes regiões, e também ao plantio das culturas de inverno, que ora se apresenta em franca evolução, a área plantada brasileira nesta safra está estimada em 65.558,5 mil hectares, representando um incremento de 3,6% em comparação à safra passada, influenciada principalmente pelo crescimento das áreas de milho e soja.

Dentre as culturas de inverno, merece destaque o desempenho das lavouras de trigo que apresentam, até o momento, um crescimento previsto na área plantada de 6,7% em relação ao exercício anterior.

Gráfico 1 – Brasil - Comportamento da área cultivada



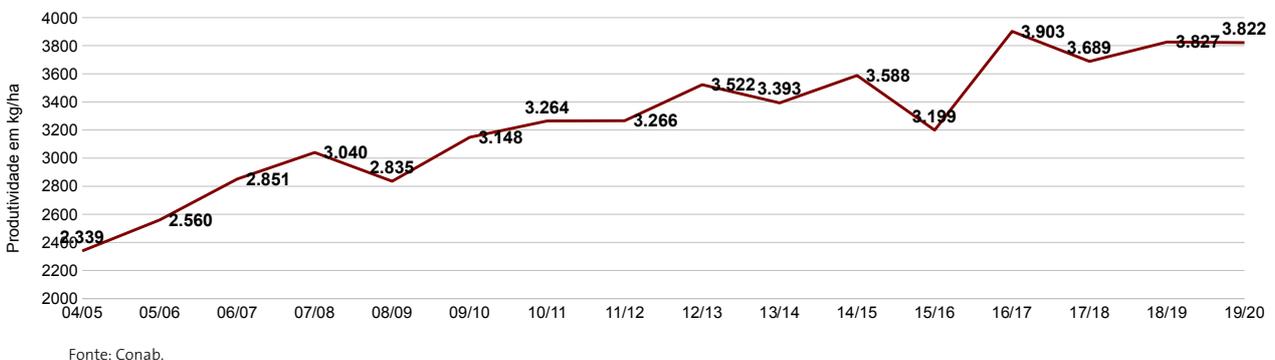
As culturas de primeira safra ocupam uma área de 45,5 milhões de hectares, enquanto as de segunda e terceira safras e de inverno, são cultivadas em 20,1 milhões de hectares, a maior parte de forma consecutiva, aproveitando áreas já cultivadas.

Nesta temporada, as culturas de primeira safra, apresentaram melhores respostas às condições climáticas, apesar da instabilidade inicial, e, de uma maneira geral, rendimentos superiores aos da safra passada. As lavouras de soja, algodão, sorgo e arroz, apresentaram boa recuperação e, com a colheita fina-

lizada, constata-se produtividades superiores aos da temporada anterior, a despeito de importantes estados produtores terem sido prejudicados pelo desempenho do clima.

Como informado, o Rio Grande do Sul foi o estado mais comprometido pela ausência das chuvas, combinada com elevadas temperaturas nas fases sensíveis das culturas. Com os resultados apurados, confirma-se que essa foi uma das piores secas ocorridas, uma vez que desde a safra 2011/12 não se registrava tamanha magnitude de perdas nas suas lavouras.

Gráfico 2 – Comportamento da produtividade – Total Brasil



Com as estimativas de aumento nas áreas das principais culturas e o bom desempenho observado nas lavouras de soja, algodão, arroz, sorgo e amendoim, a produção brasileira de grãos na atual temporada de-

verá atingir 250.536,5 mil toneladas, apresentando variação positiva de 3,5% em relação à safra anterior, equivalendo a um aumento absoluto de 8.480,1 mil toneladas.



3.1. ALGODÃO

A área estimada para esta temporada é de 1.670,7 mil hectares, com incremento de 3,2% em relação a área cultivada na safra passada. As condições climáticas são favoráveis, e a cultura apresenta bom desenvolvimento, com a colheita devendo ganhar força a partir deste mês.

Em Mato Grosso, o algodão encontra-se predominantemente em fase de maturação e a colheita está prevista iniciar em junho, com maior concentração dos trabalhos entre julho e agosto. O desenvolvimento das lavouras tem sido positivo, e as condições climáticas adversas, observadas em determinadas regiões

3.2. ARROZ

Apesar da redução da área cultivada nos últimos anos, a proporção do plantio de arroz realizada em áreas irrigadas gera maior produtividade, o que vem permitindo a manutenção da produção ajustada ao consumo nacional. A produção para esta safra está prevista atingir 11,1 milhões de toneladas, representando aumento de 6,5% em relação à safra passada. O quadro da seca,

3.3. FEIJÃO

A cultura de ciclo curto, possibilita o plantio em até três momentos durante a temporada. Na primeira safra deste ano, a área foi estimada em 926,5 mil hectares, crescimento de 0,4% em relação à safra passada. O bom desempenho do clima nos principais estados produtores contribuiu para que a produção atingisse 1.109,1 mil toneladas, 12,1% acima do produzido na última safra.

O feijão segunda safra, com área plantada estimada em 1,425,9 mil hectares, representando 0,5% acima da área semeada na safra passada, foi duramente afetado

3.4. MILHO

A área de milho primeira safra na temporada 2019/20, atingiu 4,22 milhões de hectares, 2,9% maior que a área cultivada na safra 2018/19, influenciada pelas boas expectativas de comercialização nesta temporada. Problemas climáticos na Região Sul prejudicaram o potencial produtivo das lavouras, resultando em perdas na produção, com uma redução de 0,8% nos níveis médios de produtividades em relação à safra anterior. A colheita está encerrando na Região Nordeste.

A segunda safra de milho, que tem na região Centro-Oeste sua maior concentração da produção, não expressou, com exceção de algumas ocorrências iso-

produtoras, não trouxeram prejuízos à cultura.

Na Bahia, com o plantio das lavouras de sequeiro finalizado em meados de janeiro e o plantio irrigado no final de fevereiro, as lavouras não sofreram com problemas climáticos. O veranico de dezembro não causou danos e as chuvas bem distribuídas tem gerado ótimas condições de desenvolvimento aos algodoeiros que se encontram nos estádios de frutificação e maturação com expectativa de bons rendimentos do algodão em caroço. As chuvas em maio não devem ocasionar perdas no rendimento das lavouras.

que ocorreu no Rio Grande do Sul, maior produtor nacional, acabou por favorecer a cultura do arroz, já que houve a combinação fortuita de eventos que contribuiriam para o bom desempenho das lavouras.

A colheita na Região Sul está finalizada e encaminha para o encerramento na Região Nordeste do país.

pelas condições climáticas adversas, com uma produção prevista de 1.236,6 mil toneladas e redução de 4,9% comparado com o ocorrido no exercício passado.

A terceira safra, estimada atingir 575,1 hectares, tem a semeadura ocorrendo nesta época. A maior parte do cultivo é realizado no Nordeste, enquanto o Centro-Sul do país deverá obter a maior produção, sobretudo por ser um cultivo irrigado. A expectativa é de uma boa safra, em razão dos excelentes preços praticados atualmente, e tendo como ofertantes, produtores que utilizam elevada tecnologia de produção.

ladas, todo o seu potencial produtivo, frustrado pelas condições do quadro climático. O rendimento, abaixo da safra passada, é compensado pelo incremento na área plantada em 6,6%.

As lavouras apresentam-se em avançado estágio de evolução, com a colheita já ocorrendo em vários estados. As expectativas, mesmo considerando as frustrações climáticas citadas, é de aumento na produção, na ordem de 1,4% em relação ao exercício passado, atingindo 74,2 milhões de toneladas.

A terceira safra de milho, com produção estimada



em 1.330,9 mil toneladas, aparece como nova oferta, organizada e consolidada pelos sucessivos levantamentos levados à efeito pela companhia. Trata-se de produção gerada nas novas fronteiras agrícolas, tendo como núcleo a Sealba, que compreende as áreas produtoras situadas no nordeste da Bahia, Sergipe e Alagoas, em Pernambuco e as situadas em Roraima,

3.5. SOJA

A produção estimada para esta safra atingiu 120,4 milhões de toneladas, recorde histórico, representando um acréscimo de 4,7% em relação ao exercício passado. Apesar do forte impacto causado pelo desempenho da safra no Rio Grande do Sul, a cultura apresentou produtividades recordes em Mato Grosso, Paraná, Goiás, São Paulo, Tocantins, Maranhão Rondônia e Distrito Federal.

Na Região Nordeste, particularmente no Matopi-

3.6. TRIGO

As estimativas para o trigo seguem otimistas, em razão dos preços atrativos e do comportamento do clima em maio, que incentivam o cultivo da safra de trigo no sul do país. Depois de enfrentar

caracterizadas por apresentarem um calendário produtivo semelhante ao do hemisfério norte. A estimativa de produção nacional de milho, considerando as três safras na temporada 2019/20, está estimada atingir 100,99 milhões de toneladas, representando um acréscimo de 0,9%, em relação ao exercício anterior.

ba, as condições climáticas trouxeram transtornos durante à semeadura, causando a necessidade de replantio em algumas regiões. O quadro climático mudou substancialmente e as chuvas a partir de janeiro favoreceram o desenvolvimento das lavouras, beneficiando os níveis de produtividade. Neste levantamento, a produção confirmada pelas já colheitas realizadas, apontam para incrementos importantes em toda a região coberta pelo Matopiba.

uma quebra expressiva na safra de soja e milho, a expectativa é de que o produtor dessas regiões, tendam a minimizar os impactos negativos com o plantio do cereal.



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1.000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2018/19 (a)	2019/20		Percentual		Absoluta	
		mai/2020 (b)	jun/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO	1.618,2	1.671,0	1.670,7	-	3,2	(0,3)	52,5
AMENDOIM TOTAL	146,8	160,1	160,4	0,2	9,3	0,3	13,6
AMENDOIM 1ª SAFRA	139,8	153,0	153,3	0,2	9,7	0,3	13,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	7,0	7,1	7,1	-	1,4	-	0,1
ARROZ	1.697,4	1.650,3	1.657,1	0,4	(2,4)	6,8	(40,3)
ARROZ SEQUEIRO	346,6	363,4	370,0	1,8	6,8	6,6	23,4
ARROZ IRRIGADO	1.350,8	1.286,9	1.287,1	-	(4,7)	0,2	(63,7)
FEIJÃO TOTAL	2.922,2	2.922,5	2.927,5	0,2	0,2	5,0	5,3
FEIJÃO TOTAL CORES	1.311,6	1.291,2	1.284,6	(0,5)	(2,1)	(6,6)	(27,0)
FEIJÃO TOTAL PRETO	334,4	323,7	331,0	2,3	(1,0)	7,3	(3,4)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.276,2	1.307,6	1.311,9	0,3	2,8	4,3	35,7
FEIJÃO 1ª SAFRA	922,6	926,6	926,5	-	0,4	(0,1)	3,9
CORES	376,2	375,9	375,9	-	(0,1)	-	(0,3)
PRETO	169,8	163,1	163,1	-	(3,9)	-	(6,7)
CAUPI	376,6	387,6	387,5	-	2,9	(0,1)	10,9
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.418,6	1.406,4	1.425,9	1,4	0,5	19,5	7,3
CORES	442,2	403,9	407,7	0,9	(7,8)	3,8	(34,5)
PRETO	153,5	149,5	156,8	4,9	2,1	7,3	3,3
CAUPI	811,2	853,0	861,4	1,0	6,2	8,4	50,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	581,0	589,5	575,1	(2,4)	(1,0)	(14,4)	(5,9)
CORES	493,2	511,4	501,0	(2,0)	1,6	(10,4)	7,8
PRETO	11,1	11,1	11,1	-	-	-	-
CAUPI	76,7	67,0	63,0	(6,0)	(17,9)	(4,0)	(13,7)
GERGELIM	53,0	160,0	160,0	-	201,9	-	107,0
GIRASSOL	62,8	47,3	47,3	-	(24,7)	-	(15,5)
MAMONA	46,6	45,7	45,5	(0,4)	(2,4)	(0,2)	(1,1)
MILHO TOTAL	17.492,9	18.518,3	18.476,3	(0,2)	5,6	(42,0)	983,4
MILHO 1ª SAFRA	4.103,9	4.221,7	4.222,4	-	2,9	0,7	118,5
MILHO 2ª SAFRA	12.878,0	13.783,0	13.732,8	(0,4)	6,6	(50,2)	854,8
MILHO 3ª SAFRA	511,0	511,2	519,8	1,7	1,7	8,6	8,8
SOJA	35.874,0	36.843,5	36.843,6	-	2,7	0,1	969,6
SORGO	732,3	785,3	817,9	4,2	11,7	32,6	85,6
SUBTOTAL	60.646,2	62.801,6	62.805,0	-	3,6	3,4	2.158,8
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2019 (a)	2020		Percentual		Absoluta	
		mai/2020 (b)	jun/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	398,0	398,7	399,2	0,1	0,3	0,5	1,2
CANOLA	34,0	33,8	33,5	(0,9)	(1,5)	(0,3)	(0,5)
CENTEIO	4,0	4,7	4,7	-	17,5	-	0,7
CEVADA	118,8	120,7	122,8	1,7	3,4	2,1	4,0
TRIGO	2.040,5	2.089,1	2.177,7	4,2	6,7	88,6	137,2
TRITICALE	15,6	15,6	15,6	-	-	-	-
SUBTOTAL	2.610,9	2.662,6	2.753,5	3,4	5,5	90,9	142,6
BRASIL	63.257,1	65.464,2	65.558,5	0,1	3,6	94,3	2.301,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2020.



Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2018/19 (a)	2019/20		Percentual		Absoluta	
		mai/2020 (b)	jun/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.575	2.582	2.589	0,3	0,6	6,8	14,6
ALGODÃO EM PLUMA	1.717	1.723	1.727	0,3	0,6	4,6	10,0
AMENDOIM TOTAL	2.962	3.481	3.482	-	17,6	0,9	520,4
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.021	3.553	3.554	-	17,6	0,8	533,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.775	1.925	1.924	-	8,4	(0,9)	149,1
ARROZ	6.153	6.574	6.714	2,1	9,1	140,7	560,8
ARROZ SEQUEIRO	2.354	2.412	2.441	1,2	3,7	28,7	87,0
ARROZ IRRIGADO	7.128	7.749	7.943	2,5	11,4	194,0	814,3
FEIJÃO TOTAL	1.033	1.043	1.050	0,7	1,7	7,1	17,3
FEIJÃO TOTAL CORES	1.439	1.434	1.451	1,2	0,8	17,4	12,0
FEIJÃO TOTAL PRETO	1.476	1.574	1.537	(2,4)	4,1	(37,2)	60,6
FEIJÃO TOTAL CAUPI	499	526	534	1,7	7,1	8,8	35,6
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.072	1.162	1.197	3,0	11,6	34,4	124,6
CORES	1.498	1.552	1.612	3,9	7,6	59,8	114,4
PRETO	1.513	1.922	1.922	-	27,0	(0,0)	409,0
CAUPI	448	464	488	5,2	9,0	24,2	40,2
FEIJÃO 2ª SAFRA	917	879	867	(1,4)	(5,4)	(11,9)	(49,6)
CORES	1.474	1.426	1.404	(1,6)	(4,8)	(22,5)	(70,2)
PRETO	1.491	1.263	1.199	(5,1)	(19,6)	(64,0)	(291,9)
CAUPI	518	553	553	-	6,8	0,1	35,1
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.253	1.246	1.267	1,6	1,1	20,5	13,9
CORES	1.363	1.352	1.369	1,2	0,4	16,4	5,6
PRETO	702	640	640	-	(8,9)	-	(62,5)
CAUPI	623	537	566	5,5	(9,1)	29,4	(57,0)
GERGELIM	780	797	797	-	2,2	-	17,1
GIRASSOL	1.669	1.587	1.595	0,5	(4,4)	7,5	(74,2)
MAMONA	658	725	725	-	10,3	0,3	67,6
MILHO TOTAL	5.719	5.527	5.466	(1,1)	(4,4)	(60,5)	(252,6)
MILHO 1ª SAFRA	6.249	5.982	6.022	0,7	(3,6)	40,9	(226,9)
MILHO 2ª SAFRA	5.682	5.508	5.406	(1,9)	(4,9)	(102,2)	(276,9)
MILHO 3ª SAFRA	2.385	2.291	2.560	11,8	7,4	269,6	175,5
SOJA	3.206	3.266	3.269	0,1	1,9	2,6	62,0
SORGO	2.973	3.030	3.319	9,5	11,7	289,1	346,4
SUBTOTAL	3.883	3.886	3.876	(0,3)	(0,2)	(10,0)	(7,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2019 (a)	2020		Percentual		Absoluta	
		mai/2020 (b)	jun/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	2.209	2.266	2.258	(0,4)	2,2	(8,0)	49,0
CANOLA	1.429	1.417	1.421	0,3	(0,6)	4,0	(8,0)
CENTEIO	2.083	2.128	2.128	-	2,2	-	45,0
CEVADA	3.612	3.179	3.195	0,5	(11,5)	16,0	(417,0)
TRIGO	2.526	2.601	2.613	0,5	3,4	12,0	87,0
TRITICALE	2.904	2.756	2.756	-	(5,1)	-	(148,0)
SUBTOTAL	2.515	2.562	2.573	0,4	2,3	11,0	58,0
BRASIL (2)	3.827	3.832	3.822	(0,3)	(0,1)	(10,6)	(5,4)

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2020.



Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1.000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2018/19 (a)	2019/20		Percentual		Absoluta	
		mai/2020 (b)	jun/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	4.166,4	4.315,0	4.325,8	0,3	3,8	10,8	159,4
ALGODÃO - PLUMA	2.778,8	2.879,0	2.886,0	0,2	3,9	7,0	107,2
AMENDOIM TOTAL	434,6	557,3	558,4	0,2	28,5	1,1	123,8
AMENDOIM 1ª SAFRA	422,2	543,6	544,8	0,2	29,0	1,2	122,6
AMENDOIM 2ª SAFRA	12,4	13,7	13,6	(0,7)	9,7	(0,1)	1,2
ARROZ	10.445,1	10.848,4	11.126,1	2,6	6,5	277,7	681,0
ARROZ SEQUEIRO	816,1	876,7	903,2	3,0	10,7	26,5	87,1
ARROZ IRRIGADO	9.629,0	9.971,7	10.222,9	2,5	6,2	251,2	593,9
FEIJÃO TOTAL	3.017,7	3.048,1	3.073,9	0,8	1,9	25,8	56,2
FEIJÃO TOTAL CORES	1.888	1.851	1.864	0,7	(1,2)	13,0	(23,4)
FEIJÃO TOTAL PRETO	493	510	509	(0,1)	3,1	(0,7)	15,4
FEIJÃO TOTAL CAUPI	636	687	701	2,0	10,2	13,7	64,7
FEIJÃO 1ª SAFRA	989,1	1.077,3	1.109,1	3,0	12,1	31,8	120,0
CORES	563,4	583,7	606,2	3,9	7,6	22,5	42,8
PRETO	256,9	313,7	313,7	-	22,1	-	56,8
CAUPI	168,8	180,0	189,3	5,2	12,1	9,3	20,5
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.300,4	1.236,4	1.236,6	-	(4,9)	0,2	(63,8)
CORES	652,0	576,1	572,4	(0,6)	(12,2)	(3,7)	(79,6)
PRETO	228,7	188,7	188,0	(0,4)	(17,8)	(0,7)	(40,7)
CAUPI	419,7	471,4	476,1	1,0	13,4	4,7	56,4
FEIJÃO 3ª SAFRA	728,0	734,8	728,7	(0,8)	0,1	(6,1)	0,7
CORES	672,4	691,6	685,8	(0,8)	2,0	(5,8)	13,4
PRETO	7,8	7,1	7,1	-	(9,0)	-	(0,7)
CAUPI	47,9	36,0	35,7	(0,8)	(25,5)	(0,3)	(12,2)
GERGELIM	41,3	127,5	127,5	-	208,7	-	86,2
GIRASSOL	104,9	75,1	75,4	0,4	(28,1)	0,3	(29,5)
MAMONA	30,6	33,1	33,0	(0,3)	7,8	(0,1)	2,4
MILHO TOTAL	100.042,7	102.336,6	100.992,9	(1,3)	0,9	(1.343,7)	950,2
MILHO 1ª SAFRA	25.646,7	25.252,4	25.429,2	0,7	(0,8)	176,8	(217,5)
MILHO 2ª SAFRA	73.177,7	75.913,3	74.232,9	(2,2)	1,4	(1.680,4)	1.055,2
MILHO 3ª SAFRA	1.218,7	1.171,0	1.330,9	13,7	9,2	159,9	112,2
SOJA	115.029,9	120.329,6	120.424,0	0,1	4,7	94,4	5.394,1
SORGO	2.177,0	2.379,6	2.714,9	14,1	24,7	335,3	537,9
SUBTOTAL	235.490,2	244.050,3	243.451,9	(0,2)	3,4	(598,4)	7.961,7
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2019 (a)	2020		Percentual		Absoluta	
		mai/2020 (b)	jun/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	879,1	903,5	901,3	(0,2)	2,5	(2,2)	22,2
CANOLA	48,6	47,9	47,6	(0,6)	(2,1)	(0,3)	(1,0)
CENTEIO	9,4	10,0	10,0	-	6,4	-	0,6
CEVADA	429,1	383,7	392,3	2,2	(8,6)	8,6	(36,8)
TRIGO	5.154,7	5.432,8	5.690,4	4,7	10,4	257,6	535,7
TRITICALE	45,3	43,0	43,0	-	(5,1)	-	(2,3)
SUBTOTAL	6.566,2	6.820,9	7.084,6	3,9	7,9	263,7	518,4
BRASIL (2)	242.056,4	250.871,2	250.536,5	(0,1)	3,5	(334,7)	8.480,1

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em junho/2020.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.097,4	3.263,7	5,4	3.280	3.443	5,0	10.159,7	11.236,1	10,6
RR	72,4	74,5	2,9	3.913	4.066	3,9	283,3	302,9	6,9
RO	576,7	603,9	4,7	3.802	3.828	0,7	2.192,4	2.311,5	5,4
AC	47,5	47,5	-	2.042	2.147	5,2	97,0	102,0	5,2
AM	17,9	18,7	4,5	2.162	2.230	3,1	38,7	41,7	7,8
AP	24,1	24,4	1,2	2.506	2.574	2,7	60,4	62,8	4,0
PA	905,5	937,4	3,5	2.907	2.948	1,4	2.632,1	2.763,3	5,0
TO	1.453,3	1.557,3	7,2	3.341	3.629	8,6	4.855,8	5.651,9	16,4
NORDESTE	8.013,7	8.156,8	1,8	2.415	2.655	9,9	19.354,8	21.660,0	11,9
MA	1.572,5	1.610,2	2,4	3.152	3.456	9,6	4.956,2	5.565,0	12,3
PI	1.499,6	1.539,1	2,6	2.950	3.103	5,2	4.424,4	4.776,4	8,0
CE	872,6	919,0	5,3	593	671	13,1	517,8	616,7	19,1
RN	106,6	118,3	11,0	596	470	(21,1)	63,5	55,6	(12,4)
PB	188,1	205,7	9,4	396	592	49,4	74,5	121,7	63,4
PE	446,3	454,1	1,7	495	606	22,4	221,0	275,2	24,5
AL	65,9	65,9	-	1.332	1.285	(3,5)	87,8	84,7	(3,5)
SE	157,3	165,9	5,5	5.097	4.896	(3,9)	801,7	812,3	1,3
BA	3.104,8	3.078,6	(0,8)	2.644	3.038	14,9	8.207,9	9.352,4	13,9
CENTRO-OESTE	26.881,4	28.338,6	5,4	4.140	4.265	3,0	111.285,4	120.863,5	8,6
MT	16.183,5	17.204,0	6,3	4.171	4.290	2,8	67.494,4	73.798,6	9,3
MS	4.871,2	4.958,5	1,8	3.760	3.920	4,2	18.318,0	19.435,9	6,1
GO	5.665,0	6.013,7	6,2	4.349	4.452	2,4	24.638,2	26.771,4	8,7
DF	161,7	162,4	0,4	5.163	5.281	2,3	834,8	857,6	2,7
SUDESTE	5.656,6	5.888,3	4,1	4.032	4.230	4,9	22.809,0	24.907,9	9,2
MG	3.453,1	3.530,5	2,2	4.114	4.362	6,0	14.206,2	15.399,3	8,4
ES	26,3	26,0	(1,1)	1.749	1.827	4,5	46,0	47,5	3,3
RJ	3,0	2,7	(10,0)	1.967	2.000	1,7	5,9	5,4	(8,5)
SP	2.174,2	2.329,1	7,1	3.933	4.060	3,2	8.550,9	9.455,7	10,6
SUL	19.608,0	19.911,1	1,5	4.001	3.609	(9,8)	78.447,5	71.869,0	(8,4)
PR	9.649,5	9.764,6	1,2	3.757	4.058	8,0	36.251,0	39.625,5	9,3
SC	1.255,7	1.273,6	1,4	5.264	5.060	(3,9)	6.609,6	6.444,3	(2,5)
RS	8.702,8	8.872,9	2,0	4.089	2.908	(28,9)	35.586,9	25.799,2	(27,5)
NORTE/NORDESTE	11.111,1	11.420,5	2,8	2.656	2.880	8,5	29.514,5	32.896,1	11,5
CENTRO-SUL	52.146,0	54.138,0	3,8	4.076	4.020	(1,4)	212.541,9	217.640,4	2,4
BRASIL	63.257,1	65.558,5	3,6	3.827	3.822	(0,1)	242.056,4	250.536,5	3,5

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2020.





4. ANÁLISE CLIMÁTICA¹ - INMET

4.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE MAIO

Em maio se destacaram as ondas de frio que derubaram as temperaturas em vários estados do Brasil, principalmente na Região Sul, onde o registro de temperaturas negativas favoreceu a ocorrência de geadas em algumas localidades de maior altitude. A frente fria, que antecedeu a queda das temperaturas, causou muita chuva nos últimos dias do mês, que trouxeram um certo alívio para boa parte da Região Sul, a qual vinha sofrendo com meses seguidos de baixa pluviosidade. Contudo, essas chuvas chegaram tardiamente para muitos agricultores que tiveram perdas na primeira safra de grãos por consequência da seca. Por outro lado, as poucas chuvas em maio favoreceram a semeadura e o início do desenvolvimento do trigo. Os totais de precipitação foram acima da média, especialmente na metade oeste dos três estados. Os volumes acumulados na Região Sul ficaram entre 50 mm e 200 mm. Em Cruz Alta-RS, foram registrados 210 mm, enquanto em Santa Vitória do Palmar-RS e Londrina-PR, os acumulados não atingiram 60 mm.

Na região do Matopiba, mesmo sendo um mês tipicamente seco, as chuvas persistiram por alguns dias, apresentando volumes entre 40 mm e 90 mm. Esses acumulados foram suficientes para atingir ou ultra-

¹ Danielle Barros Ferreira e Mozar de Araújo Salvador - Meteorologista do Inmet - Brasília

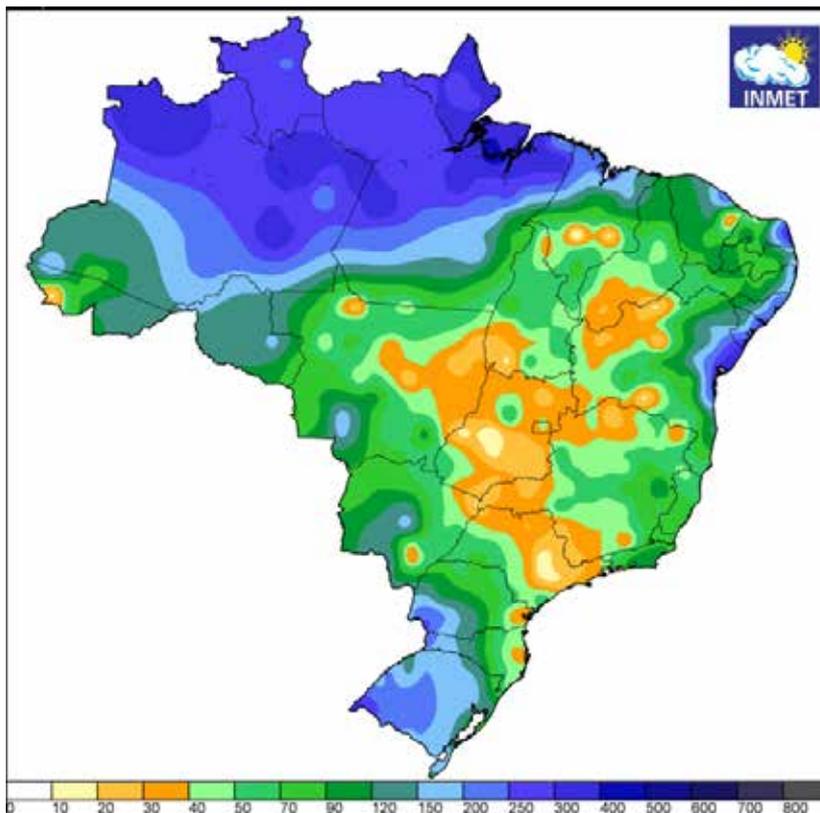
passar a faixa normal de todo mês, exceto no sudeste do Piauí, onde os acumulados foram inferiores a 40 mm. Na região do Sertão (Sergipe, Alagoas e Bahia) as chuvas continuam favorecendo a implantação e o desenvolvimento do milho terceira safra.

O início da estação seca na Região Centro-Oeste foi marcado por totais de precipitação entre 40 mm e 120 mm em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, enquanto

que em Goiás e no Distrito Federal, os volumes ficaram abaixo de 50 mm, ainda assim, dentro da faixa normal para o período.

Na Região Sudeste, algumas localidades do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais registraram acumulados entre 60 mm e 90 mm. Entretanto, em São Paulo, a precipitação acumulada foi inferior à faixa normal para o período, apresentando volume inferior a 50 mm.

Figura 2 - Acumulado da precipitação pluviométrica em maio/2020 no Brasil



Fonte: Inmet.

4.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Durante a segunda quinzena de maio, grande parte do Oceano Pacífico Equatorial apresentou um resfriamento, como pode ser observado em uma área significativa com anomalias negativas no mapa de anomalia da temperatura da superfície do mar. A persistência dessas anomalias negativas iguais ou abaixo de $-0,5^{\circ}\text{C}$ durante seis ou mais meses caracteriza uma condição de La Niña.

Os registros diários da TSM (temperatura da superfície de mar) no Oceano Pacífico Equatorial durante maio mostraram uma sequência de vários dias com decréscimo da temperatura, atingindo e persistindo

em um patamar de desvios negativos perto de $-0,6^{\circ}\text{C}$, como pode ser observado no gráfico diário de anomalia de TSM na área 3.4 de El Niño/La Niña (entre 170°W - 120°W).

Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre $-0,5^{\circ}\text{C}$ e $+0,5^{\circ}\text{C}$.

No Atlântico Tropical Sul, ainda persistem as anomalias positivas próximas à costa nordestina, o que potencialmente contribuiu para a precipitação na faixa leste da Região Nordeste.



Figura 3 - Mapa de anomalias da TSM no período de 16-30/05/2020

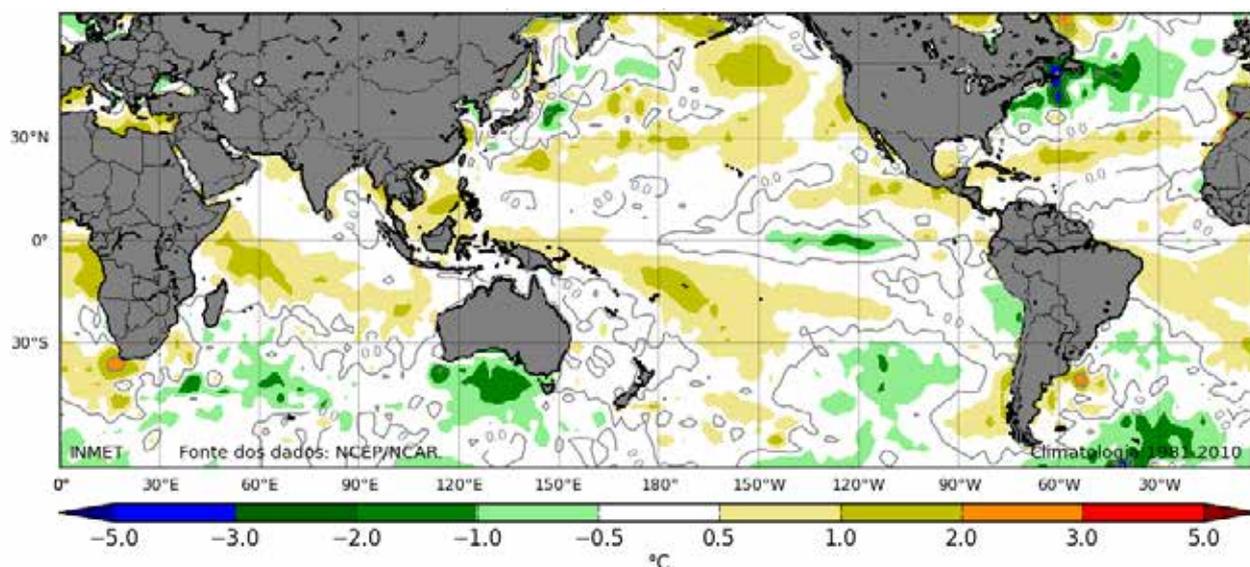


Gráfico 3 - Gráfico de monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4

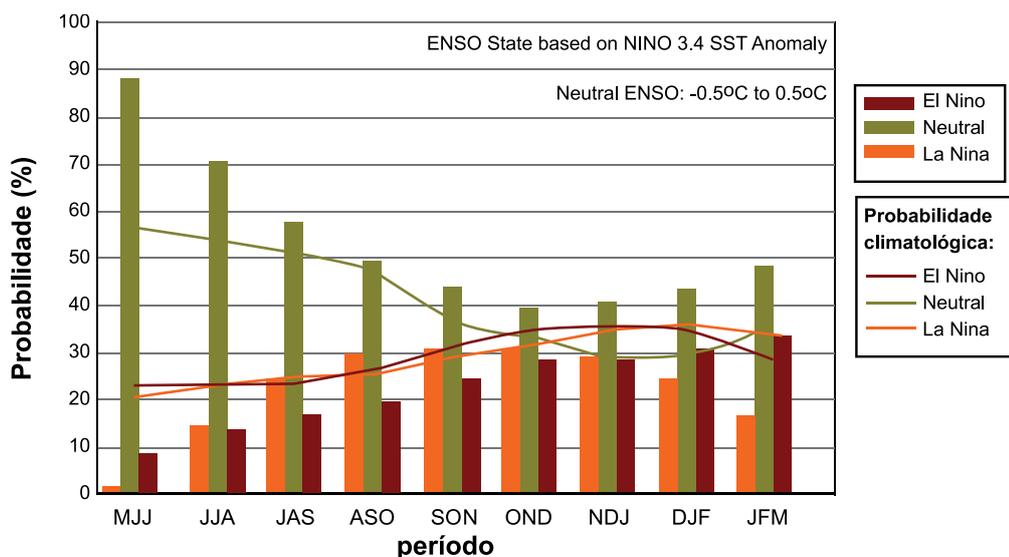


O gráfico com a média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta probabilidade de quase 90% de que as condições de neutralidade persistam durante o trimestre maio-junho-julho, porém as chances diminuem significativamente ao longo dos

trimestres seguintes enquanto aumentam as probabilidades de La Niña na mesma proporção, ainda assim, o indicativo é de neutralidade, pelo menos até o final do inverno.



Gráfico 4 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI- <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/ens0/current/>

4.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO JUNHO-JULHO-AGOSTO DE 2020

Para a Região Sul, as previsões climáticas apontam para uma tendência de chuvas acima da faixa normal do período, exceto no extremo oeste do Paraná e de Santa Catarina e grande parte do Rio Grande do Sul, onde as chuvas ainda serão abaixo da média.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, a previsão, de modo geral, indica áreas com probabilidades de chuvas abaixo da climatologia. Entretanto, em algumas localidades do noroeste do Mato Grosso, centro e norte do Mato Grosso do Sul, sudeste de São Paulo e de Minas Gerais, assim como no Rio de Janeiro, haverá o predomínio de chuvas próximas a

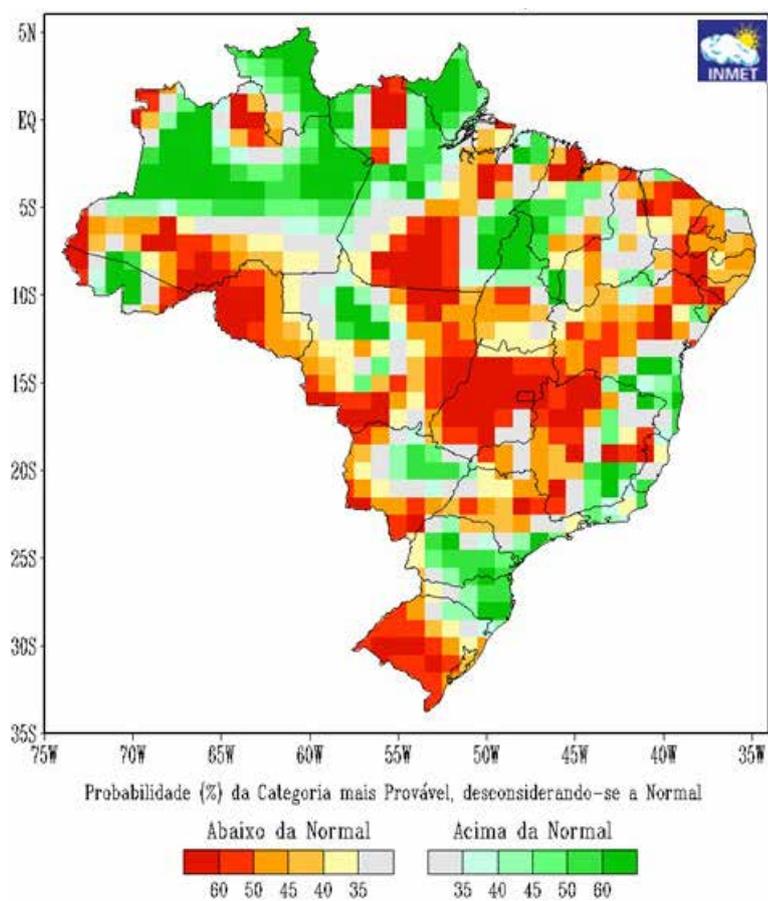
ligeiramente acima da média.

Para o Nordeste, o prognóstico climático indica probabilidade de precipitação dentro da faixa normal ou abaixo na maioria das localidades, com maior concentração de chuvas no sul da Bahia e oeste do Maranhão. Ressalta-se que, para a região do Matopiba, espera-se uma redução das chuvas nos próximos meses.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet (www.inmet.gov.br).



Figura 4 - Previsão probabilística de precipitação para o trimestre junho-julho-agosto de 2020



Fonte: Inmet.





5. ANÁLISE DAS CULTURAS

5.1 CULTURAS DE VERÃO

5.1.1. ALGODÃO

Em boa parte das regiões produtoras, o ciclo da cultura se encaminha para a maturação e início de colheita, com perspectiva positiva de produção, influenciada pelo incremento de área em relação à safra passada, bem como as condições climáticas que, de maneira geral, foram favoráveis ao desenvolvimento das lavouras. Dessa forma, a estimativa de produção é de 7.211,8 mil toneladas de algodão em caroço, indicando aumento de 3,8% em relação a 2018/19.

Na Região Norte foram plantados cerca de 19,6 mil hectares nesta safra. Tal área está distribuída entre Roraima, Rondônia e Tocantins. Quanto à produção, a estimativa atual é de aproximadamente 76,6 mil toneladas de algodão em caroço colhidas na região, indicando incremento de 18% em comparação a 2018/19.

Em Rondônia, as lavouras estão avançando em seu ciclo fenológico, com bom desenvolvimento da cultura. Cerca de 52% da área plantada (9,8 mil hectares) apresenta lavouras entre as fases de abertura de capulho e maturação, além dos outros 48% que estão em estágio de botão floral e formação das maçãs. A projeção é que a colheita se inicie entre o fim de junho e o começo de julho, com estimativa de produção na ordem de 36,8 mil toneladas de algodão em caroço.

Em Tocantins, as lavouras estão em boa condição de desenvolvimento, encontrando-se predominantemen-

te em fase de maturação. A expectativa é de obtenção de bons rendimentos, principalmente em razão das condições favoráveis apresentadas ao longo do ciclo da cultura. A área plantada apresentou crescimento (em torno de 95%) em comparação a 2018/19, alcançando 8,6 mil hectares semeados. Regiões que anteriormente eram semeadas com soja passaram a cultivar o algodão, especificamente nos municípios de Peixe e Campos Lindos. Quanto à produção, a estimativa é de 34,6 mil toneladas colhidas com o algodão em caroço, 95,5% superior à temporada passada. A colheita deve se iniciar em meados de junho, podendo se estender até o final de julho.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, houve redução na área plantada, de aproximadamente 3,5%, atingindo 364,6 mil hectares, distribuídos em seis estados produtores. As lavouras estão em diferentes estádios de desenvolvimento, mas, no geral, a previsão é de 1.622,4 mil toneladas do algodão em caroço colhidas.

No Maranhão houve dois períodos distintos de semeadura. As lavouras de algodão herbáceo, plantadas a partir da segunda quinzena de dezembro de 2019, são consideradas de primeira safra, e, atualmente, estão em fase mais avançada de desenvolvimento (estádios abertura de capulho e maturação). Já as lavouras de segunda safra foram cultivadas mais tardiamente, a partir da segunda quinzena de janeiro de 2020, com maior concentração no sul do estado, especificamente na região de Balsas e, atualmente, estão majoritariamente em fase de formação de maçãs. Somando as áreas plantadas nos dois períodos foram cerca de 27,8 mil hectares destinados à cotonicultura no estado, apontando leve aumento de 0,4% em comparação à área semeada em 2018/19. As condições climáticas são consideradas favoráveis à cultura, até o momento, isso impacta em uma previsão de incremento na produção final, que deve chegar a 118,3 mil toneladas (15,2% maior que a temporada anterior).

No Piauí foi semeada uma área de 19,5 mil hectares, correspondendo a um incremento de 21% em relação à área da safra passada. Esse acréscimo está relacionado à expansão de áreas agrícolas que já eram destinadas à cotonicultura, bem como a incorporação de novas fronteiras que antes estavam atreladas ao estado de Tocantins. Atualmente, a maior parte das lavouras está em fase de maturação, com previsão de início de colheita ainda em junho. De maneira geral, a expectativa é que sejam produzidas cerca de 73,4 mil toneladas, representando acréscimo de 27% em comparação a 2018/19.

Na Bahia, a cotonicultura está concentrada no extremo-oeste (mais de 97% da área plantada) e no centro-sul do estado, com lavouras manejadas tanto em regime de sequeiro quanto em condição irrigada, por meio

de gotejamento e pivô central. Para esta safra foram destinados cerca de 315,1 mil hectares para o cultivo do algodão, representando redução de 5,1% em relação à área semeada em 2018/19. Tal diminuição está atrelada aos menores preços pagos pelo produto, bem como a perspectiva de condições climáticas desfavoráveis ainda no início da safra. No entanto, de forma geral, as lavouras não apresentaram condições desfavoráveis em razão do clima e mantiveram seu desenvolvimento de forma adequado durante o ciclo. Atualmente, as lavouras estão predominantemente em estágio de frutificação e maturação, com expectativa de produção na ordem de 1.427,4 mil toneladas de algodão em caroço.

Na Região Centro-Oeste, as lavouras estão se encaminhando para as fases finais do ciclo, com algumas áreas, inclusive, iniciando as operações de colheita. A expectativa de produção aponta para incremento no resultado final, em comparação a 2018/19, devendo chegar a mais de 5.304,4 mil toneladas produzidas de algodão em caroço.

Em Mato Grosso, a cultura se encontra, predominantemente, em fase de maturação, com a colheita prevista para iniciar ainda em junho, com maior concentração dos trabalhos entre julho e agosto. O desenvolvimento das lavouras tem sido bastante positivo, apresentando boas condições fitossanitárias. As adversidades climáticas observadas em determinadas regiões produtoras no estado não trouxeram prejuízos à cultura, pois o algodoeiro possui maior resistência ao estresse hídrico em comparação à outras espécies. A produtividade média esperada, até o momento, é de 4.289 kg/ha, podendo perfazer uma produção de 5.001 mil toneladas, sendo 7% superior à temporada passada. Além do clima favorável, o aumento de área, os maiores investimentos no manejo e nos pacotes tecnológicos utilizados concorrem para essa expectativa de incremento.

Em Mato Grosso do Sul foram cerca de 32 mil hectares semeados com a cultura nesta safra, sendo considerados dois períodos distintos para realização desse plantio. O algodão de primeira safra, cultivado ainda em 2019, está totalmente colhido, com produtividade média obtida abaixo do esperado, especialmente em razão do estresse hídrico sofrido registrado em boa parte das lavouras em fases importantes do desenvolvimento. Já o algodão de segunda safra está iniciando sua colheita, mas também já demonstra redução no potencial produtivo, em virtude das condições climáticas desfavoráveis (baixos índices pluviométricos). De maneira geral, a estimativa de produtividade média para o estado está em 4.313 kg/ha, perfazendo uma produção de 138 mil toneladas.

Em Goiás, as lavouras de algodão se encontram predominantemente em fases de formação e abertura de maçãs, com algumas áreas, inclusive, já iniciando o



processo de maturação. Há previsão de início de colheita ainda em junho, devendo ser finalizada até agosto. As condições atuais são consideradas boas e a perspectiva de produção é na ordem de 165,4 mil toneladas, apontando redução de 4,8% em comparação à temporada passada, principalmente em razão do decréscimo de área plantada visualizado nesse ciclo.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo são os estados que apresentam produção de algodão nesta safra. Foram 48,8 mil hectares semeados na região, com projeção de produção na ordem de 205,2 mil toneladas.

Em Minas Gerais houve duas épocas distintas de plantio. No primeiro momento, ainda em 2019 (novembro e dezembro), as lavouras foram implantadas em condição de sequeiro utilizando, majoritariamente, cultivares de ciclo mais longo. Atualmente, essas áreas apresentam lavouras em fase de desenvolvimento de capulhos, com previsão de colheita em julho de 2020. Já no segundo período de semeadura, após a colheita da soja, as cultivares utilizadas são de ciclo mais preco-

ce, com uso de irrigação suplementar, mas com projeção de colheita apenas em setembro. De forma geral, a estimativa de produção é na ordem de 161 mil toneladas de algodão em caroço.

Em São Paulo, a colheita do algodão está em andamento, com cerca de 70% dos 11 mil hectares plantados já efetivados, até o fim de maio. Atualmente, a produtividade está estimada em 4.015 kg/ha, com previsão de produção na ordem de 44,2 mil toneladas.

Na Região Sul, o Paraná é o único estado produtor nesta safra, com área plantada de 1,2 mil hectares, pulverizada em vários municípios do norte do estado. As operações de colheita estão em fase final de execução, com mais de 80% das lavouras colhidas até o final de maio. A produção estimada é de 3,2 mil toneladas de algodão em caroço, representando incremento de 52,4% em relação ao resultado da safra anterior. Vale destacar que o produto obtido tem apresentado boa qualidade e tem sido favorecido pelo clima mais seco no momento da maturação e colheita.

Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão											
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C		C
	Sul Maranhense - 2ª Safra			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C	C	C
PI	Sudoeste Piauiense		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C		C
BA	Extremo Oeste Baiano		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	M/C	C		C
	Centro Sul Baiano		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C		C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	M/C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	M/C	C	C		C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		P/G/DV	DV	F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	M/C	C	C		C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Leste Goiano - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Sul Goiano - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



5.1.2. AMENDOIM

5.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

A produção de amendoim, distribuída entre primeira e segunda safras, é estimada em 558,4 mil toneladas, 28,5% maior que na última safra.

A produção é concentrada na primeira safra e foram colhidas 544,8 mil toneladas em uma área de 153,3 mil hectares, 9,7% superior à área semeada na última safra.

Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
SP	Araçatuba	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Araraquara	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Bauru	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Marília	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Presidente Prudente	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Ribeirão Preto	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	São José do Rio Preto	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

5.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Na Paraíba, Com a média histórica em torno de 400 hectares, a safra atual deverá ter ligeiro incremento com áreas destinadas a cultura no total de 518 hectares com produtividade média de 781 kg/ha.

Em São Paulo, a segunda safra, também conhecida como safra da seca, tem menor produção do que a primeira safra, por não serem ideais as condições de

calor e umidade requeridas pelo amendoim. Esta safra é responsável, por aproximadamente 5% da produção total de amendoim em São Paulo, sendo cultivado predominantemente na região da Alta Paulista (Tupã e Herculândia), combinada com o processo de reforma de pastagens. Espera-se estabilidade na área e crescimento de 9,7% na produtividade em relação à safra anterior.

Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
BA	Nordeste Baiano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	
	Metropolitana de Salvador	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	
SP	São José do Rio Preto							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Ribeirão Preto							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Presidente Prudente							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Marília							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Assis							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



5.1.3. ARROZ

A safra de arroz 2019/20 está se encaminhando para o fim, confirmando a expectativa de aumento na produção em comparação à temporada anterior. As lavouras das principais regiões produtoras estão finalizando a colheita, e, de modo geral, o produto tem apresentado boa qualidade e rendimento médio satisfatório. Serão 11.126,1 mil toneladas colhidas nessa safra, demonstrando incremento de 6,5% em relação ao resultado de 2018/19. Tudo isso mesmo em meio à redução de área plantada, que passou de 1.697,4 mil hectares no ciclo anterior para 1.657,1 mil hectares nesse exercício. A área plantada em manejo irrigado foi de 1.287,1 mil hectares, retração de 4,7% em relação à safra anterior. Enquanto no arroz de sequeiro houve aumento de 6,8%, chegando a 370 mil hectares semeados.

Na Região Norte foram destinados cerca de 225,5 mil hectares à rizicultura nessa safra, com projeção de produção na ordem de 981,5 mil toneladas (aumento de 4,4% em comparação a 2018/19). Com isso, a Região deverá se configurar como a segunda maior produtora nacional de arroz.

Em Roraima há duas épocas distintas de produção para o arroz: a primeira, que teve sua semeadura iniciada em setembro, perdurando até janeiro de 2020, e a segunda, que tem previsão de realização em maio de 2020. Ao todo, a área destinada à rizicultura no estado deverá ser de 10,3 mil hectares, com maior proporção de área cultivada na primeira safra (cerca de 7,7 mil hectares, que já estão colhidos). Quanto à produção, a estimativa é de obtenção na ordem de 70,6 mil toneladas.

Em Rondônia, o cultivo foi exclusivamente em sequeiro, com dois períodos distintos de semeadura. Na primeira safra, a área destinada ao plantio da cultura foi de 38,5 mil hectares, já o cultivo da segunda safra ficou próximo aos 4 mil hectares. De maneira geral, a produtividade ficou em 3.280 Kg/ha com produção final de 139,4 mil, representando crescimento de 1,4% em comparação a 2018/19.

No Acre, o plantio de arroz é unicamente em sequeiro. Inicia-se no período chuvoso, de outubro a dezembro, época mais favorável ao desenvolvimento da cultura. Geralmente a cultura é consorciada com outros plantios, como o milho. A área estimada nesta safra mantém-se em 4,9 mil hectares, com perspectiva de produção de 6,4 mil toneladas.

No Amazonas, o cultivo de arroz acontece basicamente para o consumo próprio, manejado em condição de sequeiro. Foram cerca de 2,4 mil hectares semeados

nesta safra, dobrando a área utilizada na temporada passada. A colheita está finalizada com a produção de 5,4 mil toneladas.

No Pará, houve aumento na área destinada à rizicultura nessa safra, em particular no arroz em sequeiro. No total, foram 41,8 mil hectares semeados nesse ciclo, representando incremento de 12,1% em relação a 2018/19. Quanto à produção, a estimativa é de obtenção de 100 mil toneladas, aumentando em 5,3% o resultado alcançado na temporada anterior.

Em Tocantins, a colheita do arroz está em fase avançada, com a conclusão do arroz em sequeiro e do arroz irrigado considerado de primeira safra, restando áreas semeadas de forma mais tardia, mas que já iniciaram suas operações de colheita em maio. Ao todo serão 122,5 mil hectares colhidos, perfazendo uma produção de 658,6 mil toneladas, indicando incremento de 5,6% em relação ao volume obtido em 2018/19.

Na Região Nordeste houve aumento na área plantada com arroz em comparação à safra passada, em particular no arroz em sequeiro. Dessa forma, foram cerca de 156,4 mil hectares semeados, representando aumento de 8,8% em comparação a 2018/19. Tal variação, atrelada às boas condições climáticas em grande parte das regiões produtoras, proporcionaram um acréscimo de 13,3% na produção estimada, devendo chegar a 308,3 mil toneladas.

No Maranhão, o cultivo de arroz com o uso de irrigação controlada, com formação e manutenção de lâmina de água, é restrito aos municípios de Viana, Vitória do Mearim, Arari e São Mateus. A área plantada de arroz irrigado foi de 1,6 mil hectares, semeada entre junho e agosto de 2019, e colhida entre novembro de 2019 e janeiro de 2020. A produtividade média apresentada foi de 5.875 kg/ha e a produção final de 9,4 mil toneladas.

Já as lavouras de arroz de sequeiro do Maranhão, apresentaram acréscimo na área semeadas de 7,8% em relação à safra anterior, passando para 88,3 mil hectares semeados nesta temporada. Com as condições climáticas favoráveis à cultura ao longo do ciclo, a expectativa é de aumento na produção de 22,2%, devendo alcançar 144,4 mil toneladas colhidas.

No Piauí, a área de arroz total sofreu incremento na ordem de 15%, atingindo 53,6 mil hectares, e a produtividade esperada é de 1.675 kg/ha. O plantio dessa cultura iniciou na segunda quinzena de novembro, em algumas áreas do cerrado piauiense. A colheita está em andamento, com projeção de produção na



ordem de 89,8 mil toneladas, sinalizando aumento de 12,8% em relação à 2018/19.

Em Alagoas, a cultura é manejada em condição irrigada, visto que nesta safra devem ser cultivados cerca de 3 mil hectares, com estimativa de produção acima das 19 mil toneladas.

Em Pernambuco, o arroz cultivado fica restrito a áreas situadas entre os municípios de Cabrobó e Orocó, onde é cultivado às margens e sobre ilhas do Rio São Francisco. Ali o plantio normalmente tem início em fevereiro e se estende até maio. Toda a área cultivada é conduzida por agricultores integrados à única empresa de beneficiamento de arroz da região, a qual fornece os insumos e assistência técnica para os produtores. Nessa safra, está projetado um incremento na área cultivada de 25%, passando de 400 hectares na safra anterior para 500 hectares neste exercício. Em relação ao rendimento, este foi reajustado para 8.500 kg/ha, sinalizando incremento de 4,3% em comparação à 2018/19 e perfazendo uma produção estimada de 4,3 mil toneladas.

Na Paraíba foram semeados 1,3 mil hectares nessa safra, sendo todo cultivo manejado em condição de sequeiro. O rendimento médio projetado indica aumento em comparação à temporada anterior, devendo atingir uma produção de 2 mil toneladas.

No Centro-Oeste, terceira Região que mais produz arroz no país, a previsão é de aumento na área plantada, quando comparada à última safra, chegando a 158,9 mil hectares semeados, com destaque para o Mato Grosso, detendo mais de 78% dessa área.

Em Mato Grosso, a colheita está em fase final de execução, com perspectiva de incremento de 6,4% na produtividade média, bem como 9,8% na produção final, que devem chegar a 3.402 kg/ha e 425,6 mil toneladas, respectivamente.

Em Mato Grosso do Sul, os 11,2 mil hectares semeados com a cultura nesta safra já estão colhidos, com produção final aproximada de 68,9 mil toneladas, representando aumento de 11% em relação a 2018/19.

Em Goiás, a colheita está quase finalizada, restando apenas algumas áreas inundadas que devem ser colhidas ainda em junho. De modo geral, as condições climáticas foram favoráveis ao longo do ciclo, influenciando no aumento de rendimento médio verificado, em comparação com a temporada anterior. Dessa forma, a produção final deve atingir 120,4 mil toneladas, representando aumento de 6,9% em relação à 2018/19.

Figura 5 – Técnicos da Conab em lavoura de arroz irrigado, em Goiás.



Fonte: Conab

Em Minas Gerais, foram destinados cerca de 2 mil hectares ao cultivo de arroz nesta safra, indicando redução de 42,9% em relação à temporada anterior. Tal diminuição está ligada ao arroz de sequeiro, que perdeu área nesse ciclo para outras culturas consideradas mais rentáveis. Além disso, as alterações no ciclo das chuvas têm desestimulado os produtores em razão dos riscos constantes. Ainda há o problema com plantio em área de preservação permanente (APP), para o arroz de várzea úmida. Predomina o cultivo de subsistência e as lavouras são geralmente conduzidas com baixo nível de tecnologia, uso de sementes próprias e praticamente sem adubação. De maneira geral, a colheita está finalizada, com obtenção de produção na ordem de 8,9 mil toneladas (9,2% inferior à temporada passada).

Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro. Estima-se que a área plantada com o arroz irrigado seja de 1.102,8 mil hectares, enquanto para o arroz de sequeiro a estimativa aponta manutenção dos 3 mil hectares semeados na safra anterior.

No Paraná, a colheita está finalizada nos 3 mil hectares semeados em condição de sequeiro. De pouca expressão econômica no Paraná, trata-se de cultura de subsistência, conduzida com baixo nível tecnológico, sendo boa parte cultivada nas entrelinhas de culturas perenes, destinada principalmente ao consumo próprio. A produtividade média ficou em 2.043 kg/ha e a produção final na ordem de 6,1 mil toneladas. Já para o arroz irrigado, a área semeada foi de 18,8 mil hectares, com produtividade média de 7.794 kg/ha, e produção na ordem de 146,5 mil toneladas, representando aumento de 7,6% em relação à safra passada.



Em Santa Catarina, a colheita está encerrada. O clima seco favoreceu as operações e o produto obtido apresentou boa qualidade. Foram 144 mil hectares destinados à produção de 1.158,9 mil toneladas, representando aumento de 6,2% em comparação ao volume obtido na safra anterior.

No Rio Grande do Sul, a colheita está em fase final de execução, restando apenas algumas áreas localizadas

na região Central do estado. De maneira geral, a situação de seca que ocorreu favoreceu muito a cultura do arroz, já que houve grande parte dos dias com céu limpo, temperaturas altas e noites amenas. Com isso, apesar da queda da produtividade nas lavouras mais tardias, o rendimento médio foi bom, aumentando a produtividade da safra passada em 13,4%, chegando a 8.369 kg/ha. A produção esperada está em 7.866,9 mil toneladas, sendo 6,5% superior à 2018/19.

Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
RO	Leste Rondoniense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
PA	Sudoeste Paraense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudeste Paraense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
TO**	Ocidental do Tocantins			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C		
MA	Centro Maranhense						P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
PR**	Noroeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SC**	Norte Catarinense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí	PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C				
	Sul Catarinense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C				
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				
	Sudeste Rio-grandense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.

5.1.4. FEIJÃO

O feijão faz parte do hábito alimentar do brasileiro. Tradicionalmente, o grão é consumido e produzido nos quatro cantos do país, uma vez que o volume colhido é quase que totalmente destinado ao consumo interno.

Agronomicamente, a cultura é considerada de ciclo curto e, por isso, apresenta uma vantagem para o produtor, que consegue adequar o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de

primeira safra (semeado entre agosto e dezembro), o de segunda safra (cultivado entre janeiro e abril) e o de terceira safra (semeado de maio a julho).

O feijão primeira safra está totalmente colhido, com uma produção de 1.109,1 mil toneladas em uma área cultivada de aproximadamente 926,5 mil hectares. Já o feijão segunda safra, as operações de colheita estão em fase final de execução, nos mais de 1.425,9 mil hectares semeados em todo país, com projeção de produção na ordem de 1.236,6 mil toneladas. Também há, nesse momento, a implantação das lavouras de terceira safra, com previsão de destinação de mais de 575,1 mil hectares, distribuídos nas cinco regiões brasileiras.



5.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Com a primeira safra concluída, há a confirmação do incremento de produção quando comparada àquela obtida em 2018/19. Ao todo foram colhidas cerca de 1.109,1 nessa temporada, representando aumento de 12,1% em relação ao exercício anterior. As boas condi-

Feijão-comum cores

Na Região Norte, o Pará se coloca como único estado produtor nesta safra, semeando cerca de 4,3 mil hectares. A colheita está finalizada, com produção de aproximadamente 2,7 mil toneladas.

Na Região Nordeste, a Bahia também desponta como única produtora do feijão-comum cores nessa primeira safra de 2019/20. A colheita foi recentemente finalizada no estado e a produção apresentou incremento de 76% em comparação à temporada anterior, especialmente pelas melhores condições climáticas registradas nesse ciclo, bem como o aumento de área plantada. Ao todo foram colhidas 42,6 mil toneladas.

Na Região Centro-Oeste foram semeados 52,1 mil hectares com a cultura nesta primeira safra, distribuídos entre as quatro Unidades da Federação. A colheita foi

Feijão-comum preto

No Distrito Federal foram semeados 900 hectares com o feijão-comum preto nessa primeira safra, apresentando diminuição de 10% em comparação ao ano passado. A maior produtividade em relação à safra anterior, 2.000 Kg/ha, contra 1.900 kg/ha, não foi suficiente para compensar a produção anterior, totalizando na atual 1,8 mil toneladas.

Em Minas Gerais foram semeados 8,7 mil hectares de feijão-comum preto, representando incremento de 6,1% em relação a 2018/19. Tal acréscimo impulsionou o resultado da colheita, que alcançou cerca de 7,6 mil toneladas, também demonstrando aumento em comparação à temporada passada, que fechou com 7,1 mil toneladas colhidas.

No Paraná, a produção do feijão-comum preto foi 35,1% superior à safra passada, chegando a 227,2 mil toneladas. As condições climáticas foram favoráveis à cultura ao longo do ciclo e isso impactou diretamente no rendimento médio das lavouras, que foi de 2.133 kg/ha, simbolizando aumento de 40,6% em comparação a 2018/19.

ções climáticas registradas na maior parte das regiões produtoras impulsionaram o rendimento médio da cultura, assim como um pequeno acréscimo na área plantada, ambos favorecendo esse resultado positivo.

encerrada, alcançando produção de 124,4 mil toneladas, mantendo, basicamente, o patamar alcançado na safra 2018/19.

Na Região Sudeste foram semeados cerca de 186,1 mil hectares, com destaque especial para Minas Gerais e São Paulo. A produção total da região foi de 293,2 mil toneladas com o feijão-comum cores nessa primeira safra, representando acréscimo de 6,3% em comparação ao volume obtido na temporada anterior.

Na Região Sul houve diminuição na área plantada quando comparada a 2018/19 em razão, principalmente, das condições climáticas desfavoráveis registradas à época do plantio. Essa redução impactou no resultado da safra, obtendo uma produção total 3% inferior àquela apresentada no exercício passado, ficando em 143,3 mil toneladas.

Em Santa Catarina, a colheita está finalizada nos 17,4 mil hectares semeados com a cultura na primeira safra. Mesmo em meio à redução de área, houve incremento importante no rendimento médio, se comparado à 2018/19, perfazendo assim uma produção de 37,4 mil toneladas, sendo 3,3% superior que na temporada passada.

No Rio Grande do Sul, a colheita do feijão-comum preto nesta primeira safra está encerrada, alcançando produção de 36,9 mil toneladas (valor 9,3% inferior a 2018/19). De maneira geral, as lavouras do Planalto Médio e Alto Uruguai tiveram melhor rendimento médio, por serem semeadas mais precocemente, minimizando as perdas ocorridas pela estiagem registrada a partir de janeiro de 2020. Já as lavouras mais tardias, que coincidiram suas fases de desenvolvimento mais importantes com a seca, tiveram severas perdas. Ao todo, o rendimento médio estadual ficou em 1.375 kg/ha, sendo 9,5% menor que na temporada anterior.



Feijão-caupi

No Piauí, as lavouras estão na fase final do ciclo, com mais de 70% dos 199,5 mil hectares semeados colhidos. De maneira geral, as condições climáticas apresentadas ao longo da safra foram benéficas, com algumas perdas pontuais, especialmente por excesso de umidade durante a colheita em algumas localidades. Ao todo devem ser produzidas 82,4 mil toneladas, simbolizando acréscimo de 7,7% em comparação a 2018/19.

Na Bahia, as lavouras de feijão caupi estão totalmente colhidas. Foram 137 mil hectares destinados à produção da cultura nesse ciclo, com a obtenção de aproximadamente 75,1 mil toneladas do grão (aumento de 25,2% em relação à temporada anterior, especialmente em razão das melhores condi-

ções climáticas registradas nas fases mais importantes do ciclo, que impulsionaram a produtividade média).

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-caupi está encerrada. A área plantada foi de 6,3 mil hectares, e a produção total ficou em 7 mil toneladas.

Em Minas Gerais, a área destinada ao feijão-caupi nessa primeira safra foi 4,8% superior àquela apresentada na temporada passada, alcançando 17,3 mil hectares. Tal incremento potencializou o resultado da produção, e ao final do ciclo foram colhidas 9,5 mil toneladas do grão, representando aumento de 5,6% quando comparada ao volume obtido em 2018/19.



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano				PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C	C
	Vale São-Franciscano da Bahia						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Sul Baiano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	DV	F	FR/M/C	M/C				
	Norte Mato-grossense				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal					P/G/DV	F/FR	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Norte de Minas					P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Zona da Mata				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



5.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

As condições climáticas registradas, especialmente no sul e sudeste do país, impactaram o desenvolvimento das lavouras de feijão nessa segunda safra. A escassez de chuvas gerou menor acúmulo de umidade nos solos e, conseqüentemente, menor disponibilidade hídrica para a cultura atender suas demandas

Feijão-comum cores

Na Região Norte, a área destinada ao plantio da cultura sofreu redução em comparação à temporada passada, principalmente em razão da ausência de cultivo em Tocantins. Ao todo foram 10,6 mil hectares semeados com a cultura nessa segunda safra, distribuídos entre Rondônia, Acre e Amapá. Já a previsão de produção é na ordem de 8,8 mil toneladas, também indicando diminuição em relação a 2018/19, na ordem de 5,4%.

Em Rondônia, os 5,3 mil hectares plantados com o feijão-comum cores nesse período são manejados em condição de sequeiro, com nível de mecanização mais baixo e caracterizado por uma produção a nível familiar. Cerca de 57% das lavouras estão em estágio de maturação, 37% em fase de enchimento de grão e os outros 6% já colhidos. Ao todo, a expectativa é de produção na ordem de 5,4 mil toneladas.

Na Região Nordeste, a Bahia se destaca na produção do grão nessa segunda safra. A estimativa para esse ciclo é que sejam semeados 11 mil hectares, manejados sob pivô central, com previsão de produção na ordem de 29,7 mil toneladas.

Na Região Centro-Oeste foram destinados cerca de 91,9 mil hectares à semeadura do feijão-comum cores nessa segunda safra, indicando diminuição de 9% em comparação ao exercício anterior. Algumas áreas foram impactadas pela escassez de chuvas e, com as lavouras em fase crítica do desenvolvimento, a perspectiva atual também é de decréscimo no potencial produtivo da cultura. Dessa forma, a projeção de produção é na ordem de 174,5 mil toneladas, sendo 5,2% inferior à temporada anterior.

Em Mato Grosso, a colheita está em andamento, sendo que até o final de maio, cerca de 32% dos 41 mil hectares semeados com a cultura nessa safra já foram colhidos. A produtividade média estimada, até o momento, é de 1.890 kg/ha, representando incremento de 25,3% em relação àquela obtida no ciclo passado. Tal acréscimo impacta na produção final esperada, amenizando a influência negativa que a redução de área plantada apresentou, quando comparada a 2018/19. A preferência de alguns produtores na desti-

ao longo do ciclo. Dessa forma, o rendimento médio estimado está aquém do esperado, principalmente na Região Sul. No âmbito geral, a estimativa de produção é na ordem de 1.236,6 mil toneladas, sendo 4,9% inferior à temporada anterior.

nação de área para o cultivo de culturas consideradas mais rentáveis, como o milho, foi fator importante para tal variação. No geral, a perspectiva de produção é na ordem de 77,5 mil toneladas de feijão-comum cores, representando diminuição de 10,8% em relação à temporada passada.

Em Mato Grosso do Sul houve aumento de 43% na área semeada em comparação a 2018/19, alcançando 25 mil hectares plantados. Durante o ciclo, períodos de estiagem, especialmente entre março e abril, prejudicaram algumas lavouras, no entanto, essas áreas afetadas foram pontuais, o que não surte efeito significativo na produtividade da safra, até o momento. Atualmente, as lavouras seguem em pleno crescimento e desenvolvimento, principalmente com boas precipitações em maio e temperaturas amenas. Tais condições têm favorecido significativamente as lavouras. Com o aumento dos preços praticados atualmente, os produtores de feijão estão animados, muitos estavam acompanhando o mercado e as condições climáticas. Os produtores tradicionais que já realizavam o plantio em safras anteriores voltaram a plantar, ocasionando o aumento de área plantada. No geral, são esperadas cerca de 45 mil toneladas, representando incremento de 83,7% na produção obtida em 2018/19. A previsão é que a colheita seja iniciada a partir de julho.

Em Goiás, a colheita está encerrada, demonstrando redução na produção em relação a 2018/19. A região leste do estado, por exemplo, apresentou excesso de chuvas durante a fase de maturação e colheita das lavouras, impactando o rendimento médio da cultura. Já na região sul, a escassez de precipitações influenciou o desenvolvimento das plantas, especialmente no estágio de enchimento de grãos. De maneira geral, foram cerca de 50 mil toneladas colhidas, simbolizando diminuição de 4,8% em comparação à temporada anterior.

No Distrito Federal, as lavouras estão se encaminhando para as fases finais de seu ciclo, sendo que mais de 60% delas se encontram em estágio de maturação e o restante em enchimento de grãos. A produtividade média estimada está em 2.200 kg/ha, sinalizando aumento de 4,8% em comparação ao exercício ante-



rior. Foram 900 hectares semeados, devendo perfazer uma produção de 2 mil toneladas.

Na Região Sudeste, Minas Gerais é o grande destaque na produção do feijão-comum cores segunda safra. Foram 122,8 mil hectares semeados nesse período, representando redução de área de 11,5% em comparação a 2018/19. As lavouras estão em fase reprodutiva, principalmente em estágio de maturação, com projeção de iniciar a colheita a partir da segunda quinzena de junho. Ao todo, são estimadas cerca de 160,7 mil toneladas produzidas, sendo 17,5% inferior à temporada anterior. Já em São Paulo, a colheita do feijão-comum cores nessa segunda safra está em fase final de execução nos 17,3 mil hectares semeados. A produção está estimada em 34,9 mil toneladas do grão, resultado que seria 3,3% inferior as 36,1 mil toneladas colhidas no estado na temporada anterior, principalmente em decorrência da redução de área plantada nesse ciclo.

Na Região Sul, o Paraná apresentou redução na área plantada em comparação à temporada anterior, especialmente em razão da competição com o cultivo de outros grãos mais rentáveis, bem como a estiagem registrada entre fevereiro e março, dificultando o plantio dentro da sua janela ideal. Ainda assim, fo-

Feijão-comum preto

A Região Sul é responsável por mais de 92% da área plantada com o feijão-comum preto nessa segunda safra. O Paraná é o grande produtor, com mais de 109,2 mil hectares semeados. No início da implantação das lavouras existiam condições que permitiram um bom desenvolvimento das plantas, porém a falta de precipitações registradas entre fevereiro e março afetou o potencial produtivo da cultura. Atualmente, a colheita se aproxima do fim, com tendência de redução no rendimento médio e na produção final em comparação ao exercício passado, estimando 1.193 kg/ha e 130,3 mil toneladas, respectivamente.

Em Santa Catarina, assim como no feijão-comum cores, a colheita está em fase final de execução nos 19,8 mil hectares semeados nesse ciclo, com cerca de 98% da área colhida. O rendimento médio estimado, até o momento, é de 1.387 kg/ha, indicando redução de 7,5% em relação à safra passada. Os baixos índices pluviométricos intercalados por veranicos comprometeram a expressão do potencial produtivo do pacote tecnológico empregado pelos produtores. A

ram semeados 112,8 mil hectares no estado. As lavouras sentiram a escassez de chuvas já mencionada, e as produtividades médias verificadas nas primeiras áreas colhidas apontam redução em comparação a 2018/19. Apesar disso, a qualidade do feijão está boa, mas com tamanho menor. A queda no rendimento está sendo compensada pelos preços pagos, que subiram quase 100% em relação à cotação na época de plantio. De modo geral, a expectativa de produção está em 138,6 mil toneladas colhidas, 29,4% inferior àquela obtida em 2018/19.

Em Santa Catarina, a colheita está em fase final de execução nos 3,3 mil hectares semeados nesse ciclo, com cerca de 97% da área colhida. O rendimento médio estimado, até o momento, é de 1.443 kg/ha, indicando redução de 10,9% em relação à safra passada. Os baixos índices pluviométricos intercalados por veranicos comprometeram a expressão do potencial produtivo previsto inicialmente, com base no pacote tecnológico empregado pelos produtores. A qualidade do produto colhido tem sido boa, ainda que o tamanho do grão seja menor em algumas partilhas por falta de água no momento da granação. Em razão do aumento na área plantada (22,2%), a produção final deve ser maior que em 2018/19, atingindo 4,8 mil toneladas.

qualidade do produto colhido tem sido boa, ainda que o grão seja pequeno em algumas partilhas por falta de água no momento da granação. Algumas áreas no Planalto Norte foram atingidas por geada nas fases de granação e maturação prejudicando a qualidade e a produtividade de forma pontual. De maneira geral, a perspectiva de produção está em 27,5 mil toneladas, sendo 5,4% maior que na temporada anterior.

No Rio Grande do Sul, as condições registradas em maio permitiram o avanço da colheita do feijão-comum preto segunda safra, que chegou a 80% dos 16,3 mil hectares colhidos. Esse avanço nas operações confirmou a expectativa de redução no rendimento médio em comparação à temporada anterior, especialmente em razão da escassez de chuvas registradas ao longo do ciclo, impactando o potencial produtivo da cultura. De maneira geral, a estimativa de produtividade média está em 1.189 kg/ha e a de produção em torno de 19,4 mil toneladas, sinalizando diminuição de 16% e 28,9%, respectivamente, em comparação a 2018/19.



Feijão-caupi

Na Região Norte, Tocantins apresenta maior relevância na produção. Neste ciclo foram semeados 29 mil hectares, sendo que parte dessas áreas são manejadas em condição de sequeiro, plantadas mais precocemente e que, atualmente, as lavouras se encontram em fase de enchimento de grão e maturação, apresentando boas condições de desenvolvimento, favorecidas pelas boas precipitações que ocorreram desde o período de plantio. Há também uma porção semeada em condição sub-irrigada, cultivada em áreas de várzea e que tem o plantio mais tardio, se apresentando, atualmente, em estádios de desenvolvimento menos avançado. De modo geral, a colheita da cultura no estado deve se iniciar na segunda quinzena de junho e irá se estender até agosto, com expectativa de produção na ordem de 34,1 mil toneladas.

Na Região Nordeste, o feijão-caupi tem grande importância, principalmente por apresentar alta demanda consumidora. O grão faz parte do hábito alimentar de seus habitantes e isso impacta na expressiva destinação de área que a região apresenta, em comparação as demais regiões brasileiras. Nessa segunda safra, por exemplo, a estimativa é de 696,6 mil hectares plantados com a cultura, representando mais de 81% da área nacional. Desse cultivo, a perspectiva é de produção na ordem de 281 mil toneladas.

No Ceará houve aumento de área plantada em comparação à temporada anterior. Os bons preços pagos pelo grão estimularam os produtores a expandirem o cultivo, além das condições climáticas favoráveis apresentadas durante o ciclo. Ao todo foram semeados 384,3 mil hectares com o feijão caupi nessa segunda safra, sendo que mais da metade dessa área já está colhida. A projeção é que até julho sejam concluídas as operações, alcançando uma produção de 129,1 mil toneladas, representando incremento de 17,8% em relação a 2018/19.

Em Pernambuco, o feijão caupi de segunda safra é

semeado em diversas regiões no sertão do estado. A sua maior rusticidade e resistência ao estresse hídrico favorecem seu cultivo nessas localidades. Além disso, nessa safra, o comportamento das precipitações pluviométricas, de uma maneira geral, favoreceram as lavouras de feijão, sendo que as perdas registradas, até o momento, se deram de forma isolada, principalmente em razão do excesso de chuvas incidido durante os estádios de florescimento, maturação e colheita. Atualmente, as operações de colheita estão em fase final de execução, com projeção de produção na ordem de 40,2 mil toneladas, sendo 12% superior à temporada anterior.

Na Bahia, a produção de feijão na segunda safra se concentra no extremo-oeste do estado, com destinação de área tanto para o feijão-comum cores, quanto para o feijão caupi. Em relação ao último, foram semeados cerca de 35 mil hectares, com perspectiva de colheita a partir de julho. A estimativa atual é de produção na ordem de 31,5 mil toneladas.

Na Região Centro-Oeste, Mato Grosso e Goiás são os principais produtores. O primeiro destinou cerca de 118,6 mil hectares ao plantio do feijão-caupi nesse período. Tal área representa redução de 4,3% em comparação a 2018/19 em razão da maior competição com as culturas de milho, algodão e gergelim. A colheita foi iniciada em maio, sendo que até o final do mês foram colhidos cerca de 16,5% da área total. A qualidade dos grãos obtidos tem se mostrado excelente e a produtividade média projetada é de 1.197 kg/ha, sendo 9,5% superior ao rendimento verificado no último ciclo, refletindo os maiores investimentos empregado à cultura, bem como das condições climáticas bastante favoráveis. A perspectiva de produção é na ordem de 142 mil toneladas. Já em Goiás, a colheita está em iminência nos 15 mil hectares semeados nesse ciclo. A previsão é que a partir de junho sejam iniciadas as operações, com perspectiva de aumento na produção em comparação a 2018/19, devendo chegar a 17,3 mil toneladas, sendo 37,3% superior à temporada passada.



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
RO	Leste Rondoniense		PP	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
	Oeste Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
MA	Centro Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
	Sul Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
CE	Noroeste Cearense		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Norte Cearense		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Sertões Cearenses		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul		PP	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
MT	Norte Mato		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Nordeste Mato		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Sudeste Mato		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
GO	Noroeste Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Norte Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Leste Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Sul Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Central Mineira		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Vale do Rio Doce		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Oeste de Minas		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Campo das Vertentes		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
Zona da Mata		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C							
ES	Central Espírito-Santense		P/G	DV	DV/F	M/C	C						
SP	Campinas		P/G	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Assis		P/G	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga		P/G	DV/F	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense	P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
Metropolitana de Curitiba	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C							
SC	Oeste Catarinense	P/G	G/DV	F/FR	F/FR/M	M/C	C						
	Norte Catarinense	P/G	G/DV	F/FR	F/FR/M	M/C	C						
	Sul Catarinense	P/G	G/DV	F/FR	F/FR/M	M/C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C						

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva	 Baixa restrição - geadas ou baixas temperaturas		

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



5.1.4.2. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Aproveitando-se da demanda contínua que o feijão possui no hábito alimentar dos brasileiros, bem como o seu ciclo de desenvolvimento mais reduzido em comparação a outras culturas, como soja e milho, há um escalonamento da produção do grão ao longo do ano-safra, gerando assim três períodos

Feijão-comum cores

As lavouras estão em fase de implantação ao longo de todo país e a perspectiva é que haja incremento de área plantada em comparação com 2018/19. Ao todo são esperados 501 mil hectares semeados com a cultura, gerando uma projeção de produção na ordem de 685,8 mil toneladas.

Na Região Norte, o cultivo da cultura deve ficar limitado a Tocantins, com o plantio de 1,7 mil hectares. As lavouras ainda estão sendo implantadas e devem apresentar produção acima das 4,8 mil toneladas.

Na Região Nordeste há uma grande destinação de área para o plantio do feijão-comum cores na terceira safra. O regime pluviométrico de algumas localidades da região favorece tal cultivo, além da utilização da irrigação em boa parte dessas lavouras. De maneira geral, são esperados cerca de 300,9 mil hectares semeados com a cultura nesse período, com maior destaque para a produção na Bahia e em Pernambuco.

Na Bahia, as operações de plantio do feijão-comum cores nessa terceira safra estão em fase final de execução. Ao todo são esperados cerca de 190 mil hectares destinados à semeadura da cultura, representando redução de 5% em relação a 2018/19. A região nordeste do estado é a que concentra maior parte dessa área, com participação, especialmente, de pequenos e médios produtores. Existe uma previsão otimista em relação às condições climáticas, gerando perspectiva de boa produtividade, sendo 4,1% superior àquela obtida na temporada passada.

Em Pernambuco, a cultura é comumente semeada na mesorregião do Agreste, com as operações de plantio ocorrendo entre abril e junho. No geral, o comportamento das chuvas tem sido dentro da normalidade para a localidade, e, até o momento, cerca de 70% dos 84,3 mil hectares previstos para o cultivo do feijão-comum cores já foi plantado.

Na Região Centro-Oeste são esperados cerca de 112,8 mil hectares cultivados com o feijão-comum cores nesse período, distribuídos entre Mato Grosso, Minas Gerais e Distrito Federal.

distintos para o plantio e colheita do feijão. Nesse momento, algumas regiões produtoras estão implantando suas lavouras, e a expectativa geral é que sejam semeados mais de 575,1 mil hectares nesse período, chamado de terceira safra, com projeção de produção na ordem de 728,7 mil toneladas.

Em Mato Grosso, o feijão-comum cores na terceira safra é cultivado em manejo irrigado, apresentando boas produtividades médias, no geral. Com a perspectiva de bons preços pagos pelo produto, a expectativa é que haja incremento de área, saltando para 54,4 mil hectares semeados nesse ciclo, contra 46,2 mil hectares plantados na temporada anterior. As primeiras lavouras já estão implantadas e a projeção é que até o fim de junho já estejam semeadas toda área estimada.

Em Goiás, as lavouras estão em fase final de implantação, sendo manejadas sob condição irrigada e com perspectiva de destinação de área total na ordem de 55 mil hectares. Vale destacar que algumas localidades que tiveram sua semeadura mais precoce já estão em fase fases mais avançadas de desenvolvimento, como por exemplo, 60% das lavouras na região de Cristalina (que é a principal região produtora) em estágio de floração.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo são os estados representantes na produção de feijão-comum cores nessa terceira safra. Ao todo são estimados cerca de 83,6 mil hectares para a semeadura da cultura na região, indicando um pequeno acréscimo em relação aos 82,7 mil hectares plantados na temporada anterior.

Em Minas Gerais, a previsão inicial é de destinação de 68,3 mil hectares para o plantio da cultura nesse período. O estado é um dos principais produtores do grão na terceira safra e a tendência é que nesse ciclo se mantenha esse destaque, com projeção de produção de mais de 178,9 mil toneladas.

Em São Paulo, essa terceira safra é plantada usualmente entre junho e julho, com as lavouras sendo manejadas sob sistema irrigado com pivô-central, atingindo boa produtividade e suprimindo parte do mercado entre o final da comercialização do feijão de segunda safra e o início da primeira. Para essa temporada, a estimativa é de aumento na área plantada em comparação ao exercício anterior, devendo atingir 15,3 mil hectares, com perspectiva inicial de produção na ordem de 35,8 mil toneladas.



Feijão-comum preto

A representação do feijão-comum preto na terceira safra é reduzida, com pequenas áreas plantadas em Minas Gerais (cerca de 200 hectares), Distrito Federal (cerca de 200 hectares), além de uma maior concentração em Pernambuco, que, até o momen-

to, está estimada em 10,7 mil hectares. As lavouras estão sendo implantadas e ainda se encontram em fase de desenvolvimento. De modo geral, a projeção é que sejam produzidas 7,1 mil toneladas do grão nesse ciclo.

Feijão caupi

A terceira safra de feijão-caupi se concentra nas Regiões Norte e Nordeste, com maior destaque para o Pará, Pernambuco e Bahia. Atualmente, o plantio está em andamento e, ao todo, a projeção é que sejam destinados cerca de 63 mil hectares para o plan-

tio da cultura nesse ciclo, representando redução de 17,9% em comparação à área semeada na temporada passada. Quanto à produção, a estimativa inicial é de 35,7 mil toneladas.

Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão terceira safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
PE	Agreste Pernambucano									P	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
BA	Nordeste Baiano	C								P	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
MT	Norte Mato-grossense	C									P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
	Sudeste Mato-grossense	C									P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
GO	Noroeste Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Norte Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Leste Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Sul Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
MG	Noroeste de Minas	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
SP	Ribeirão Preto	C									P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Bauru	C									P/DV	DV/F	FR/M	M/C
	Campinas	C									P/DV	DV/F	FR/M	M/C
	Itapetininga	C									P/DV	DV/F	FR/M	M/C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



5.1.5. GERGELIM

A área do gergelim no Brasil é estimada em 160 mil hectares e deverá apresentar um aumento de 201,9% em relação ao efetivado na temporada anterior.

Em Mato Grosso, a colheita do gergelim começou em maio, com trabalhos iniciais restritos a 0,9% da área alocada à cultura, sendo que a maior parte da colheita ocorrerá entre meados de junho e o final de julho.

A fase predominante é a maturação e o clima tem favorecido as lavouras, que deverão apresentar

resultado bastante positivo. Estima-se que a produtividade média será de 799 kg/ha. Destaca-se o aumento de área destinada ao gergelim segunda safra em Mato Grosso, que saltou de 53 mil para 157 mil hectares em apenas um ano, como resposta aos incentivos dados pelo mercado, bem como pela boa adaptação da cultura ao clima do estado. Em relação ao mercado, os preços têm obtido suporte devido ao dólar em alta, obtendo cotações superiores a R\$ 3,00 por quilo, por ser vinculada ao mercado externo.

6.1.6. GIRASSOL

A Região Centro-Oeste é a principal produtora de girassol. Além da extração do óleo, é comum sua utilização na alimentação animal e humana.

Em Mato Grosso, tendo sido o plantio finalizado em março, as lavouras encontram-se predominantemente em estágio de maturação e os trabalhos de colheita deverão se concentrar ao longo de junho e julho. A produtividade média é projetada em 1.577 kg/ha, com resultados heterogêneos, a depender da região produtora.

A cultura tem perdido bastante espaço em âmbito estadual devido à competição com outras culturas de segunda safra, como o algodão e o milho, que apresentam maiores rentabilidades. A área retraiu 33,7%

neste período, de 38 mil hectares para 25,2 mil hectares. A produção foi majoritariamente comercializada de forma antecipada, atingindo 94,6% com bons preços para o produto convencional.

Em Goiás, são cultivados 19,6 mil hectares da cultura. As lavouras de girassol se encontram em sua maioria em fase florescimento e formação de grãos. As produtividades médias ficam em torno de 1600 kg/ha. Espera-se uma redução nas produtividades em relação ao ano anterior devido, principalmente, à escassez de chuvas aliada ao atraso no plantio das lavouras. Estima-se que cerca de 65% das lavouras de girassol no estado de Goiás tenham sido plantadas fora da janela ideal de plantio.

5.1.7. MAMONA

A estimativa para a safra 2019/20 é de retração na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 45,5 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior, equivalem à retração de 2,4% na área.

O Nordeste é a principal Região produtora, com destaque para a Bahia. Estima-se retração de área para o Nordeste em 1,6%, totalizando uma produção de 31,1 mil toneladas.

Na Bahia, as lavouras de mamona são cultivadas na região centro-norte, manejadas por pequenos produtores, majoritariamente em regime de sequeiro com algumas poucas experiências irrigadas. Nessa safra, estima-se o cultivo de 42,9 mil hectares, sendo que 50% destas lavouras são remanescentes da safra passada (soca) e outros 50% foram semeadas em janeiro e fevereiro.

As lavouras se apresentam em fase de enchimento de grãos e maturação, com colheita será iniciada na primeira semana de junho, com expectativa de produzir 30,9 mil toneladas.

Em Mato Grosso, com o plantio realizado em março, as lavouras encontram-se principalmente na fase reprodutiva e a colheita deverá ocorrer em julho. A área estadual se restringe a 2,1 mil hectares. Ainda que grande potencial agrônomo seja atribuído à cultura, sua opção tem esbarrado no aspecto comercial, em que outras opções de segunda safra, como o milho, o algodão e o gergelim apresentam maior rentabilidade e facilidade de comercialização. Sua produtividade média é projetada em 912 kg/ha, com produção estimada em 1,9 mil toneladas.



5.1.8. MILHO

5.1.8.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Nesta safra, a maior procura pelo cereal, relacionada ao aumento das exportações, uso na produção de etanol e no aumento do confinamento, entre outras razões, estimulou o aumento na área plantada brasileira para o período de verão em 2,9%, atingindo 4.222,4 mil hectares. A produção, em virtude dos graves problemas climáticos ocorridos especialmente na Região Sul, teve seus quantitativos reduzidos em 08%, quando comparado com a temporada passada, saindo de 25,6 milhões de toneladas na temporada 2018/19, para 25,4 milhões na atual.

Na Região Norte-Nordeste, as expectativas estabelecidas para a cultura, estimularam fortemente o plantio com incremento na área atingindo 9,6% em relação ao ano passado, ocupando uma área de 1.313,7 mil hectares, contra 1.198,3 mil, da safra passada. A produção por sua vez, atingiu 5.740,6 mil toneladas, representando aumento de 24,6% em relação ao exercício passado.

Em Tocantins, a colheita foi finalizada. A variação da produtividade foi grande, e está diretamente ligada ao contraste entre a tecnologia aplicada pelo médio e grande produtor, em comparação à utilizada pelos agricultores familiares. De uma maneira geral os rendimentos alcançados nesta safra foram excelentes, alcançando patamares recordes, reflexo das precipitações bem distribuídas durante o ciclo da cultura.

No Maranhão, o cultivo do milho primeira safra ocorreu entre dezembro/2019 e fevereiro deste ano. Na região sul, foi observada migração da área de soja para milho verão, devido à restrição hídrica que afetou o plantio da primeira cultura. Com isso, além da janela favorável de plantio, a área plantada apresentou aumento de 23,5%, atingindo cerca de 270 mil hectares. A colheita foi iniciada em abril, para comercialização do “milho verde”, que apresenta maior rentabilidade. A colheita dos grãos secos foi iniciada em maio, em diversas regiões, estimando-se uma maior intensificação dessa atividade em junho e julho.

No Piauí, as adversidades climáticas que acometeram as lavouras no início do plantio, fez com que parte das áreas de soja migrassem para o milho. Desta forma, a área da safra atual atingiu 429,1 mil hectares, representando aumento de 14,8% em relação à passada. Esse aumento justificou-se por dois fatores: a) como houve a necessidade de replantio em áreas de soja e, com a falta de chuva em tempo hábil, a janela de plantio da soja ficou encurtada, ocasionando a opção desse replantio com milho; b) o preço de mercado

atrativo do cereal, uma vez que a perspectiva para o ano é de bons preços, devido a demanda combinada tanto no mercado interno (proteína animal e combustível) quanto no externo.

Na Bahia, as lavouras apresentaram boa evolução, com perdas pouco significativas devido ao veranico ocorrido em dezembro e janeiro e também aos danos pontuais de ataque de lagartas. A colheita avança em aproximadamente 92% da área cultivada, sendo que a colheita da agricultura familiar foi finalizada no Extremo Oeste, no Centro Norte e Centro Sul. A colheita da agricultura empresarial no Extremo Oeste atinge 40% da área cultivada. As boas chuvas em fevereiro, março e abril garantiram bom desenvolvimento as lavouras e a produção está surpreendendo as expectativas, apesar de o plantio ter sido realizado fora do calendário ideal. A colheita deve ser finalizada em junho.

Na Região Centro-Oeste ocorreu importante incremento no plantio, com a área cultivada apresentando elevação de 3,6% em relação ao plantio anterior, cultivando nesta safra 357,3 mil hectares contra 345 mil, no exercício passado. A produção atingiu a marca de 2.914,9 mil toneladas, 10,4% de incremento em relação à do ano passado.

Em Mato Grosso, a semeadura do milho, limitou-se a 41,2 mil hectares, correspondendo a uma alta de 10,5%, ante o ocorrido na temporada passada. Ainda assim, trata-se de área bastante reduzida, limitando o milho produzido nesse período, ao atendimento de demandas bastante pontuais do mercado interno.

Em Goiás, restam poucas áreas para serem colhidas, como é o caso da região de Cristalina, e cerca de 98% das lavouras já foram finalizadas. Na região sul a colheita já finalizou e os rendimentos alcançados estão dentro do esperado, com uma média de 7.980 kg/ha.

Na Região Sudeste, observou-se forte redução na área plantada em relação ao período anterior, estimada em 3,7%, atingindo 1.071,4 mil hectares, contra 1.113 mil, na temporada passada, que gerou uma produção de 6.523,9 mil toneladas, redução de 0,9% comparado ao ano anterior, em decorrência do desempenho do clima, nas fases importantes da lavoura.

Em Minas Gerais, a colheita já se encontra bastante adiantada. Apesar das variações climáticas durante o período de desenvolvimento das lavouras, considera-se que o produto colhido apresenta excelente qualidade. A produtividade média estadual superou as



expectativas, alcançando 6.426 kg/ha, 4,7% acima do observado no exercício passado.

Na Região Sul, a área plantada com o cereal, experimentou aumento de 2,2% em relação à safra passada. No entanto, a instabilidade do clima impactou fortemente o desempenho das lavouras, com a produção atingindo 10.249,8 mil toneladas, uma redução de 13,2% comparado ao da temporada anterior.

No Paraná, a colheita foi concluída, confirmando-se os excelentes níveis de produtividade, ficando, inclusive, um pouco acima da inicialmente esperada, beneficiada que foi, pelas condições climáticas. O produto colhido apresentou boa qualidade e quase 90% dos grãos já se encontram comercializados

Em Santa Catarina, praticamente todo o milho foi colhido, apresentando grandes oscilações no rendimento

da cultura, entre as diversas regiões produtoras. Fatos ligados às condições de chuvas ocorridas nos momentos de maior sensibilidade das lavouras, explicam o desempenho. Com a redução na produção estadual, mesmo com aumento observado na área semeada desta safra, as cooperativas e agroindústrias catarinenses deverão buscar o milho em outras regiões, para abastecer o mercado local, principalmente as cadeias de carne e leite.

No Rio Grande do Sul, a colheita foi praticamente encerrada. Com o encaminhamento para o final, as perdas provocadas pela seca vão se confirmando, e nem mesmo as chuvas verificadas no último mês, foram capazes de amenizar as perdas, que já estavam estabelecidas. A produtividade média ficou em 4.973 kg/ha, 35% menor que a safra passada. Embora ainda possam ocorrer ajustes na produtividade, essa já vem se confirmando como uma das piores safras no estado.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra														
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MA	Oeste Maranhense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul Maranhense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
PI	Norte Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Extremo Oeste Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C					
CE	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Norte Baiano					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Sul Baiano					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Mato-grossense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
RN	Leste Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Distrito Federal			PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Noroeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					C	
PB	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Belo Horizonte			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					C	
PE	Oeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
BA	Campo das Vertentes			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Zona da Mata			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	São José do Rio Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MT	Ribeirão Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
GO	Campinas			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
DF	Macro Metropolitana Paulista			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Noroeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Belo Horizonte			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campo das Vertentes			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Zona da Mata			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
SP	São José do Rio Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Ribeirão Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Central Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
SC	Metropolitana de Curitiba		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C							
RS	Vale do Itajaí		P/G	G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C	C						
	Nordeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	FR/M/C	C	C						
	Centro Oriental Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	FR/M/C	C	C						
RS	Metropolitana de Porto Alegre		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Alta Restrição - Falta de Chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado.



5.1.8.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

A conjuntura para a segunda safra de milho nesta temporada, apresentou sob todos os aspectos, um quadro bastante favorável, tendo como suporte, as boas expectativas trazidas pelo cenário internacional, especialmente diante do aumento nas exportações, no incremento do interesse externo por proteína animal, reforçado pela forte valorização do dólar. Internamente, a opção pela produção de etanol a partir do cereal, fechava um círculo virtuoso de expectativas para o milho, particularmente o produzido na segunda safra. As intenções de plantio apresentaram fortes incrementos em todas as regiões onde a lavoura foi semeada. Para o presente exercício foi estimado um aumento na área plantada de 6,6% em relação ao ano passado, atingindo 13.732,8 mil hectares. Este incremento, não foi, no entanto, suficiente para traduzir um consequente aumento da oferta, uma vez que importantes estados produtores foram severamente afetados pelas condições climáticas, com a produção da segunda safra atingindo 74,2 milhões de toneladas, acima 1,4% do resultado da última safra.

Na Região Norte, a área plantada nessa temporada, apresentou forte incremento de 10,3%, comparado ao ano anterior, atingindo 531,2 mil hectares.

Em Rondônia, a área cultivada nessa safra evoluiu 4%, variando de 178,8 mil hectares na safra 2018/19, para 186 mil hectares na presente temporada. A semeadura do milho de segunda safra iniciou em janeiro, finalizando em março, logo após a colheita da soja. Por ocasião do levantamento, os estágios de desenvolvimento da cultura se apresentavam com 5% pendoando/embonecando, 35% em enchimento de grãos, 50% em maturação e 5% colhida.

Na Região Nordeste, a área plantada com o cereal, permanecerá praticamente inalterada em relação à safra passada. O plantio neste exercício, está previsto atingir 1.054,1 mil hectares.

No Maranhão, em função da redução na janela de plantio, a área desse cereal foi estimada em 182,6 mil hectares, 5% menor que o registrado na safra 2018/19, que atingiu 192,2 mil hectares. No entanto, a perspectiva de melhoria no quadro climático, sugere um aumento substancial da produtividade média, ora estimada em 5.326 kg/ha, representando incremento de 27,3% em relação à safra passada.

No Piauí, ocorreu redução na área com relação à safra anterior da ordem de 44,5%. Esta redução se justifica pelas irregularidades climáticas ocorridas no início do calendário agrícola e o consequente atraso no plantio da soja. Com isto a janela para plantio do milho

safrinha ficou bastante comprimida, e os produtores optaram por não correr maiores riscos, ao não plantar fora da janela ideal. O plantio teve início em fevereiro, finalizando em março. Atualmente a cultura encontra-se nos estágios de desenvolvimento reprodutivo com cerca de 40% em floração, 50% em enchimento de grão e 10% em maturação.

Em Tocantins, a colheita do milho foi iniciada em algumas regiões ainda de forma tímida, com a concentração prevista para junho e julho. A maior parte das áreas encontram-se nos estágios de maturação, e enchimento de grãos. As lavouras apresentam boas condições com excelentes potenciais produtivos, favorecidas pelas precipitações regulares durante o ciclo da cultura na maioria das regiões produtoras e as expectativas são de alcançarem patamares recordes de produtividades. O aumento de aproximadamente 19,2% na área semeada, foi justificado pelos ótimos preços praticados e às boas precipitações em março, que animaram os agricultores a aumentarem suas áreas, além do grau de tecnologia.

Na Região Centro Oeste, principal produtora do cereal no país, a área plantada apresentou incremento de 8,7%, atingindo 8.888,1 mil hectares, contra 8.179,2 mil hectares, do ano passado.

Em Mato Grosso, visualiza-se um cenário bastante heterogêneo com relação aos níveis de produtividade entre as diversas regiões. Em boa parte do estado, o quadro foi positivo para o milho, por conta do regime favorável das chuvas e dos maiores investimentos aplicados à cultura. Em outras localidades, especialmente ao sul e sudeste, o cenário difere um pouco, apesar dos crescentes investimentos atrelados à cultura. O clima não se apresentou favorável em função da escassez hídrica, principalmente no estágio de germinação, com previsões de que ocorra queda no rendimento médio. As precipitações ao final de abril e início de maio amenizaram um pouco esse quadro, mas ainda assim, é esperado reflexos na produtividade. O resultado projetado para a produtividade estadual é de 6.268 kg/ha, 1,7% menor do que o obtido no último ciclo. Calcula-se que mais de 90% da safra já se encontra entre os estágios de enchimento de grãos e maturação e a colheita já teve início em âmbito estadual, atingindo 1,2% em fins de maio.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área plantada com a cultura é de 1,84 milhão de hectares, redução de 1,1% comparado a temporada passada. Em maio houve a retomada das precipitações que, associadas aos dias curtos e com temperatura mais amenas, encerrou o período de déficit hídrico que chegou a per-



durar por 40 dias em alguns municípios produtores. Assim, perdas de produtividade foram consolidadas, uma vez que parte das lavouras não conseguiram compensar esse período crítico. Na região sul e centro sul, as chuvas ocorreram em maior intensidade, enquanto no norte e nordeste, nem tanto. Com o clima mais ameno, houve a redução da evapotranspiração, proporcionando uma recuperação das plantas, principalmente aquelas que estavam em estádios de desenvolvimento vegetativo. Ocorreram também geadas nos municípios situados mais ao sul, mas os danos não foram significantes. Um fator que preocupa o desempenho das lavouras é o alto percentual ainda em fase vegetativa (5%) e floração (25%) para o período, pois, apesar das previsões climáticas apontarem para ocorrência de chuvas suficientes, o risco de perdas por geadas eleva-se substancialmente a partir de junho e julho (para as lavouras que atualmente estão em desenvolvimento vegetativo e floração), que são os meses mais frios. As demais lavouras encontram-se com 52% em enchimento de grãos, 17,5% em maturação e 0,5% colhidas. Pequenas áreas já foram colhidas na região norte e nordeste, não representando nem 1% da área total do estado.

Em Goiás, particularmente na região sudoeste, a perspectiva de redução na produtividade do milho foi atenuada, em função das chuvas generalizadas ocorridas em maio, transformando as condições das lavouras, de forma geral, de regulares para boas. Tais lavouras, com riscos de redução na produtividade, tinham como causa principalmente, o alto índice de plantio fora da janela ideal e à estiagem ocorrida durante abril, quando as lavouras, em final de desenvolvimento vegetativo, definiam o número de fileiras por espiga e o número de grãos por fileira. Na região leste do estado, praticamente todas as lavouras se encontram na fase de enchimento de grãos. Como choveu razoavelmente bem nos últimos dias em algumas regiões, as lavouras plantadas mais tardiamente e que já estavam sofrendo por falta de chuva, são estimadas apresentarem recuperação e melhorar o rendimento.

No Distrito Federal, as lavouras encontram-se nos estádios de granação (60%) e o restante em fase reprodutiva. A área plantada foi semelhante a cultivada no ano passado. A produtividade média está estimada em 6.880 kg/ha, o que poderá resultar em uma produção de 262,1 mil toneladas, inferior em 5,8% a obtida na safra passada.

Em Minas Gerais houve demora no plantio do milho segunda safra, em razão também do atraso na colheita das safras de verão. Estima-se que a colheita do cereal, seja iniciada em julho, e a expectativa é de uma produtividade em torno de 6.735 kg/ha. Lavouras apresentam-se em distintas fases de desenvolvimento, decorrente do plantio que ocorreu desde o final de fevereiro até a primeira quinzena de abril, parte dele, fora da janela ideal de plantio. Prejuízos decorrentes desses atrasos, deverão ser minimizados a depender da intensidade das chuvas em maio na fase de frutificação, estágio fundamental para definição da produtividade das lavouras. Em abril, os índices pluviométricos nas principais regiões produtoras mineiras, situaram-se acima da média. Os estádios predominantes das culturas, no momento, são de pendoamento/florescimento.

Em São Paulo, o cereal segue com boas expectativas entre os produtores, devido principalmente aos bons preços praticados. As lavouras, no entanto, dão sinais de forte redução no potencial produtivo, em razão do longo período de ausência das chuvas. O quadro compromete inclusive os que operam com pivôs para irrigação, na parceria existente entre os produtores e as multinacionais que comercializam sementes. Muitos deles plantam o milho com assistência dessas empresas, uma vez que irão produzir para posterior entrega a elas. Os produtores obtêm com estas transações, preços mais remuneradores e amparo assistencial, ao longo da safra. As chuvas ocorridas em fins de maio, devem, pelo menos para as lavouras que se encontravam em desenvolvimento vegetativo, apresentar recuperação, amenizando as perdas de produtividade, que ao que tudo indica, irão variar bastante de região para região.

Na Região Sul, a área plantada apresentou leve incremento nesta temporada, em função do desempenho previsto no Paraná, único produtor regional, bastante afetado pelas péssimas condições do clima.

No Paraná, devido à estiagem que atingiu as lavouras em estádios críticos de desenvolvimento (floração e frutificação) os números relacionados às produtividades médias foram reavaliados para baixo, havendo possibilidade que a redução possa ser maior. A colheita iniciou-se timidamente e deve estender-se até os primeiros dias setembro. Devido aos bons preços do cereal, cerca de 30% dessa safra foi comercializada antecipadamente



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões									
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense - RO	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO		P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	C
MA	Sul Maranhense - MA		P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	C
PI	Sudoeste Piauiense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
CE	Noroeste Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sertões Cearenses		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Jaguaribe		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro-Sul Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sul Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
RN	Oeste Potiguar		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Agreste Potiguar			P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PB	Sertão Paraibano		PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Agreste Paraibano			P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PE	Sertão Pernambucano		PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
MT	Norte Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
GO	Leste Goiano - GO		P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - GO	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG		P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
SP	Assis - SP	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Itapetininga - SP	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
PR	Noroeste Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Centro Ocidental Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Norte Central Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Oeste Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

5.1.7.3. MILHO TERCEIRA SAFRA

A partir dessa temporada, a Conab passou a realizar o monitoramento das lavouras, em regiões consideradas como novas fronteiras. Nessas localidades, o plantio se concentra no período que se estende de maio a junho, assemelhado ao que acontece com as lavouras plantadas no hemisfério norte. Estamos nos referindo às produções localizadas nas regiões de Sealba (Sergipe, Alagoas, nordeste da Bahia) e também aquelas nas áreas situadas acima da linha do equador, como em Roraima. Para a terceira safra, as estimativas iniciais para a temporada 2019/20, dão conta de uma área plantada em torno de 519,8 mil hectares, que, a depender das condições climáticas, poderá atingir uma produção de 1.330,9 mil toneladas.

Na Bahia, as lavouras de milho, na denominada terceira safra são cultivadas na região nordeste, sob o regime hídrico das chuvas de inverno. Está estimado que esse cereal deverá ocupar uma área de 231,1 mil hectares, com a expectativa de produzir 370,9 mil to-

neladas de grãos. Os plantios atingem 99% da área esperada e deve ser finalizado na primeira semana de junho. Cerca de 76% desse milho é produzido utilizando elevado aporte tecnológico e esta produção é destinada ao setor granjeiro (aves e suínos) da Bahia e demais estados da Região Nordeste. Os produtores mais capitalizados armazenam a produção em silos bolsas e os produtores menores vendem logo após a colheita. O setor produtivo estima que esta produção seja suficiente para abastecer por 4 meses as granjas da Bahia e Pernambuco. Os demais 24% da produção é cultivada por pequenos produtores, com menor uso de tecnologia e a produção segue destinada a subsistência das famílias agrícolas e suas criações. É comum o cultivo consorciado do milho com feijão.

Em Sergipe, as informações mostram a expectativa de crescimento por volta de 5,85% na área plantada em relação à safra 2018/19, com o cultivo atingindo 156,5 mil hectares. Apesar de ser muito cedo, ainda



não ocorreram eventos que pudessem comprometer o potencial produtivo das lavouras, existindo a expectativa de uma boa produção nesta temporada.

Em Alagoas, o plantio do milho se encontra em processo de finalização, com exceção das áreas afetadas pelo fator climático. A facilidade de escoamento da produção na região, tem estimulado a migração de grandes produtores das regiões centro-oeste, sudeste e sul do país, para o estado, criando um cenário propício para a consolidação da cultura. O estágio predominante das lavouras é de desenvolvimento vegetativo, por conta do plantio realizado pelos grandes produtores em abril.

Em Roraima, os produtores estimam que 30% da área destinada ao cereal já tenha sido plantada. A área es-

timada de 13.000 hectares, poderá sofrer acréscimos até o final do plantio, lembrando que o milho empresarial, não entra após a soja, em vista do período de chuvas ser muito curto, com o produtor tendo de escolher entre a soja e o milho. A maioria dos produtores de milho empresarial também plantam soja em áreas distintas e na mesma janela de plantio.

Consolidando as informações referentes as três safras do cereal, a estimativa nacional de plantio na temporada 2019/20, deverá apresentar uma área de 18.475 mil hectares, contra 17.492,9 mil hectares da safra passada, representando acréscimo de 5,6%. As estimativas de produção, em razão das condições climáticas que prejudicaram o bom desempenho das lavouras, totalizaram 100.992,9 mil toneladas, aumento de 0,9% sobre o exercício passado.

Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho terceira safra

UF	Mesorregiões												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PE	Agreste Pernambucano - PE	FR/M	M/C	C					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR
SE	Agreste Sergipano - SE	M/C	M/C	M/C	C				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	M/C	M/C	C	C			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

5.1.9. SOJA

Nesta safra, ocorreu crescimento de 2,7% na área plantada da soja brasileira, em relação à safra passada, saindo de 35.874 mil hectares para 36.843,6 mil hectares, na atual. Esse comportamento encontra respaldo na forte liquidez que o produto apresenta na sua comercializa-

ção, no comportamento atual do câmbio e na pandemia do coronavírus, com suas repercussões nas cotações da oleaginosa. A produção brasileira nesta temporada deverá atingir 120.424 mil toneladas, representando aumento de 4,7%, em relação ao período anterior.

5.1.9.1. REGIÃO NORTE-NORDESTE

Chuvas em atraso e irregulares caracterizaram o início da safra, nessa região. A partir de janeiro, com a normalização do clima de uma forma generalizada, observou-se a melhoria significativa das lavouras, resultando numa boa safra para o exercício 2019/20.

Em Rondônia, a área cultivada com soja de primeira safra, estimada em 328,2 mil hectares, situadas no cone sul do estado já foram totalmente colhidas. Com o advento da soja safrinha, essa área de segunda safra, deverá atingir 20,2 mil hectares. A área total implantada com ambas as lavouras, deverá atingir aproximadamente 348,4 mil hectares, representando acréscimo de 4,4% em relação ao exercício passado. A produtividade de ambas está prevista apresentar variação positiva de 1,2%, comparado à safra passada.

Esse incremento na produtividade se deve basicamente ao nível tecnológico empregado, além da melhor distribuição de chuvas durante o primeiro plantio. A finalização da colheita da segunda safra ocorrerá em meados de junho, uma vez que plantas vivas de soja não podem existir nos campos a partir de 15 de junho. Muitos produtores então dessecam até esta data para colher logo em seguida.

No Pará o pólo de Paragominas é o maior produtor do estado, com expectativa de colher 167 mil hectares. Sua abrangência conta com municípios que também são grandes produtores, como Dom Eliseu semeando 87 mil, Ulianópolis, 49,5 mil e Rondon 36 mil hectares. Esses municípios respondem por mais de 50% da pro-



dução estadual. A soja na região de Paragominas está no final da colheita e a produtividade apresentou leve queda em relação aos prognósticos iniciais. No sul do estado já encerrou a colheita, já que o calendário do plantio antecede ao de Paragominas. A região sul, responde por cerca de 25% da produção de soja paraense. Quanto a região do Baixo Amazonas a colheita também está encerrando. O total da área plantada com soja atingiu nesta etapa 591,7 mil hectares e a produtividade média está prevista atingir 3.061 kg/ha.

Em Tocantins, a soja considerada de sequeiro, teve sua colheita finalizada e foi considerada boa. Com relação a soja sub-irrigada, o plantio encontra-se em andamento, com aproximadamente 70% da área já semeada, devendo ser encerrado até 15 de junho, quando termina a janela de plantio estadual. As lavouras encontram-se em fase de emergência e desenvolvimento vegetativo. O plantio é realizado com variedades diversas, pois todas as áreas semeadas são destinadas a produção de sementes.

A produtividade total é estimada em 3.168kg/ha, incremento de 11,2% em relação ao exercício passado. A safra 2019/20 só não alcançou recorde histórico, devido ao atraso na época do plantio e ao excesso de chuvas na colheita das lavouras mais tardias.

No Maranhão, a região sul, maior produtora estadual, passou por forte veranico entre outubro e novembro passado, coincidindo com o plantio da cultura, ocasionando o replantio e migração para cultivo de milho. A

5.1.9.2. REGIÃO CENTRO-OESTE

Na principal Região produtora do país, ocorreu incremento na área plantada, de 2,9% em relação ao verificado no plantio passado, atingindo 16.574,4 mil hectares. O bom desempenho do clima nos diversos estados, fez com que a produção atingisse o nível recorde de 58.664,7 mil toneladas, incremento de 11,5% em relação ao período 2018/19.

Em Mato Grosso, na safra 2019/20, a produtividade estadual atingiu 3.542 kg/ha, 5,9% superior à da temporada anterior, como reflexo das excelentes condições climáticas e dos crescentes investimentos atrelados à cultura, redundando numa produção estadual de 35.434,5 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul, a área total estimada da cul-

colheita dessa área foi finalizada na segunda quinzena de abril, com atraso, em virtude do excesso de chuvas. Nas regiões centro, leste e oeste, onde a semeadura ocorreu entre o final de dezembro e o início de fevereiro, a colheita está sendo finalizada, favorecida pela redução das chuvas, com previsão de término na primeira quinzena de junho. A produtividade média está atingindo 3.170 kg/ha, representando um incremento de 7,8% sobre a safra anterior.

No Piauí, a área efetivamente plantada atingiu 758,9 mil hectares, aumento de 0,1% em relação à safra passada. Este incremento ficou aquém da expectativa inicial, em razão da irregularidade e baixa intensidade das precipitações pluviométricas na fase de implantação das lavouras. Até a semana deste levantamento 99% da safra atual já havia sido colhida, restando apenas as lavouras da região norte. Atualmente espera-se uma produtividade superior ao da safra anterior, estimando-se 3.129 kg/há, incremento de 2,2% em relação a temporada passada.

Na Bahia, as lavouras de soja ocuparam nesta safra a área de 1,6 milhão de hectares e a produção estimada em 5.952 mil toneladas. Registrou-se aumento de 1,3% na área cultivada, expansão ocorrida sobre áreas de algodão e pousio. A soja é cultivada no extremo oeste do estado e estima-se que de toda a área cultivada na safra de verão, cerca de 77% esteja coberta com esta oleaginosa e os demais 23% com outros grãos. A colheita foi finalizada e as áreas apresentaram ótimos rendimentos, com produtividade média de 3.720 kg/ha, acréscimo de 10,7% em relação ao ano passado.

tura no estado atingiu 2.950,7 mil hectares e a produtividade de 3.550 kg/ha, representando incremento de 19,1% sobre o alcançado na safra passada. Toda a colheita foi realizada e a qualidade do produto foi considerada boa, não ocorrendo descontos pela ocorrência de grãos fora do padrão. A comercialização da soja avançou significativamente em abril, já havendo contratos firmados para a safra 2020/21.

Em Goiás, o encerramento da colheita se deu na terceira semana de maio. O resultado foi considerado bom, com os grãos apresentando ótima qualidade, e rendimento médio em torno dos 3.516 kg/ha. A produção totalizou 12.464,6 mil toneladas, representando incremento de 9% em relação ao exercício anterior.



5.1.9.3. REGIÃO SUDESTE

a Região Sudeste, a área plantada com a oleaginosa nesta temporada apresentou a maior elevação percentual dentre as regiões, com incremento de 7,2% em relação ao período anterior, quando foi plantado 2.757,1 mil hectares. A produção alcançada foi de 9.842,9 mil toneladas, representando aumento de 21,6%, o maior incremento percentual da safra.

Em Minas Gerais houve atraso na colheita em razão do excesso de chuvas, e de um maior percentual de lavouras com variedades de ciclo tardio, observado em algumas regiões produtoras. Em razão das condições climáticas favoráveis, ao longo do desenvolvimento das

5.1.9.4. REGIÃO SUL

correu incremento percentual na área plantada de 1,7% em relação ao observado no exercício anterior. A região saiu do patamar de 11.879,6 mil hectares para 12.085,1 mil hectares, na temporada 2019/20.

No Rio Grande do Sul, a safra foi encerrada, com a colheita das últimas lavouras da região sul e aquelas considerada como safrinha. Com isso, as perspectivas de uma possível melhora na produtividade nessa fase final de colheita não se confirmaram, reduzindo ainda mais a produtividade média, que passa para 1.839 kg/ha, chegando a uma redução de 44,6% em relação à safra passada. Isso confirma o registro da pior seca dos últimos anos no estado. Elas variaram cerca de 20%, nas áreas mais ao norte do estado, próximo à divisa com Santa Catarina, 40% em grande parte do estado e até 60% nas regiões mais ao centro e sul do estado, consideradas as mais afetadas.

Em Santa Catarina, a colheita encontrava-se na reta final por ocasião do levantamento, faltando menos de 1% das lavouras, localizadas na região extremo oeste, que registraram cultivos tardio, após colheita do feijão e milho da safra normal. O balanço geral da safra aponta para uma queda na produtividade, esperada por conta da estiagem ocorrida em todo território catarinense ao longo do ciclo da cultura. As maiores reduções ocorreram no Planalto Sul e Meio

lavouras, houve aumento substancial da produtividade média estadual, estimada em 3.572 kg/ha, superior em 10,9% em comparação com a safra anterior. O aumento na área de plantio em relação à safra anterior foi de 4,6%, devido aos bons preços nas últimas safras, bem como a garantia de boa comercialização.

Em São Paulo, as lavouras foram beneficiadas pelas condições climáticas, durante todo o desenvolvimento vegetativo. A produtividade estimada em 3.567 kg/ha, aparece como recorde estadual, repercutindo no incremento de 31,2% na produção em relação ao período passado.

Oeste, região de maior altitude, e onde a semeadura ocorre de forma mais tardia. Nestas regiões, houve grande variação de rendimento, variando desde 1.800 a 3.120 kg/ha. Nas demais regiões, como Extremo Oeste, Planalto Norte e na divisa com o Paraná, registrou-se médias próximas dos 4.000 kg/ha, já que o clima foi mais próximo do normal para as lavouras semeadas no início da primavera. Em termos gerais, estima-se uma redução próxima de 7,7% na produtividade e 5,4% na produção em relação ao obtido na safra passada. Desde abril, muitas empresas agrícolas abriram suas campanhas para a próxima safra, oferecendo contratos futuros para os produtores, que já fixaram boa parte da produção aproveitando melhores condições de preços de insumos. A alta dos preços dos insumos a partir do primeiro trimestre motivou os produtores a fixarem os preços futuros de parte da produção, reduzindo os custos com investimentos.

No Paraná, a colheita foi concluída, confirmando-se ótima produtividade em decorrência das condições climáticas favoráveis à cultura. A qualidade do produto colhido foi considerada boa. Devido aos bons preços, mais de 80% da safra já foi comercializada pelos produtores. O bom desempenho da comercialização, têm motivado os produtores, a incrementarem o plantio da safra 2020/21.



Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2019/20)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	
RR	Norte de Roraima								PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
RO	Leste Rondoniense		P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C							
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C				
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Oriental do Tocantins		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
PI	Sudoeste Piauiense		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C							
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sul Goiano		P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV/F	FR/M	FR/M/C	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	FR/M	FR/M/C	M/C	C						
SP	Itapetininga		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C							
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C					
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



5.1.10. SORGO

A área total de sorgo é estimada em 817,9 mil hectares e deverá apresentar um aumento de 11,7% em relação ao efetivado na temporada anterior. São estimados que o Brasil produza 2.714,9 mil toneladas nesta safra, aumento em 24,7% em relação à safra passada.

No Pará, o sorgo ocupa áreas de safrinha ou como proteção de solo para a soja. Nesta safra a produção está estimada em 36 mil toneladas de sorgo, produzidos em uma área de 16,7 mil hectares, uma redução de 19,4% em relação à safra anterior. Os grãos têm sido comercializados com produtores de bovinos para alimentação dos plantéis.

Em Tocantins, a cultura está em fase final de enchimento de grãos e maturação, sendo que em algumas regiões a colheita do sorgo está em fase inicial. As produtividades são variadas, desde 25 até 70 sacas por hectare, variação essa justificada principalmente pela seleção de sementes, com parte dos produtores utilizando sementes salvas e outros semeando híbridos. Estima-se uma área de 34,2 mil hectares, um aumento de 22,6% em relação à safra anterior.

No Piauí, o sorgo é cultivado como cultura de segunda safra, em sucessão à soja. O plantio ocorreu entre março e abril. Atualmente a cultura encontra-se predominantemente em estágio reprodutivo e por ser uma cultura mais rústica, e que apresenta menor exigência hídrica que o milho, os produtores optaram por investir nesta cultura. Com isto a área deverá ser de 28,5 mil hectares, redução de 5% em relação à safra passada. A produtividade esperada é de 2.000 kg/ha. Atualmente a cultura encontra-se predominantemente na fase de frutificação e enchimento de grãos.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo com dupla aptidão vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal (forragem). Como o levantamento considera somente o sorgo granífero, estima-se, na presente safra, uma área praticamente idêntica à safra passada. A produção estimada do grão é 12,5% maior do que na safra 2018/19.

Na Paraíba, por fatores econômicos os produtores tradicionalmente exploram o sorgo forrageiro, destinado a formação de silagem para consumo dos seus rebanhos. Em relação ao sorgo granífero, a cultura registrou na safra passada a área de 200 hectares e produtividade média de 1.700 kg/ha. Para esta safra, a área não deverá ter grandes mudanças enquanto a produtividade, de 1.600 kg/ha, deverá ser 5,9% menor que a safra anterior.

Na Bahia, estima-se que sejam cultivados 81,4 mil hectares, redução de 22,4% em relação à safra passada. Essa redução na área do sorgo registrada no centro-sul do estado, motivada pela mudança de comportamento do produtor, que após sucessivos anos agrícolas com estiagem, optou pela produção de silagem de sorgo ou invés de colher o grão.

As lavouras no centro-sul e centro-norte foram cultivadas em janeiro e fevereiro, e as plantas apresentam bom desenvolvimento iniciando a fase reprodutiva, com colheita esperada para o início de maio. No Extremo Oeste da Bahia, os plantios foram realizados durante maio, em sucessão às lavouras de soja. As lavouras seguem em estágio de desenvolvimento vegetativo

Em Mato Grosso, a opção pelo sorgo é subsidiária à do milho e ocorre em momento posterior, tendo sido normalmente deixada em segundo plano, sendo o foco maior dos produtores o plantio do milho, do algodão e, mais recentemente, do gergelim. Observou-se algum cultivo adicional de sorgo na reta final da semeadura, sendo a cultura mais resistente ao clima seco. A cultura é utilizada muitas vezes como cobertura vegetal e como substituta mais econômica do milho. Preços mais elevados do milho e a menor disponibilidade desta commodity, podem ter induzido ao ganho de área marginal, sendo o preço do sorgo atrelado ao do milho. Calcula-se uma área de 46,4 mil hectares (42,8% maior que à safra anterior) e as lavouras estão em fase de enchimento de grãos, principalmente, sendo que a colheita deverá iniciar em junho. O rendimento médio é estimado em 2.923 kg/ha.

Em Mato Grosso no Sul, a cultura já foi toda semeada na região norte e nordeste do estado (maior produtora) e assim como o milho, houve um longo período sem umidade no solo para a cultura, principalmente em abril. Devido a maior rusticidade do sorgo em relação ao milho, bem como a semeadura mais tardia, a cultura passou pelo período de restrição hídrica sem manifestar queda significativa de produtividade.

Como ainda encontram-se 30% das lavouras em fase vegetativa, 60% em florescimento e somente 10% em enchimento de grãos, há apreensão para o fator climático dos próximos dias, uma vez que temperaturas mínimas abaixo de 16 °C e umidade relativa acima de 80% interferem na polinização e favorecem a infecção dos ovários não fertilizados pelo fungo *Sphacelia Sorghi*, causando a doença chamada de “ergot”. O ergot provoca a exsudação de substância açucarada que permite o crescimento do fungo *Cerebella volkensii* que forma uma massa negra, reduzindo a produção e depreciando o produto. Os produtores estão realizando a aplicação de fungicidas protetores, porém a eficiência depende



do híbrido, da qualidade da semente e condições ambientais.

Ocorreram aplicações de inseticidas para controle de percevejos, principalmente o barriga-verde (*Dichelops furcatus*), lagartas (*Spodoptera frugiperda*) e pulgão-verde (*Schizaphis graminum*) e que apresentaram alta eficiência.

Em Goiás, de forma similar ao ocorrido para o milho, a cultura do sorgo se beneficiou das chuvas ocorridas em áreas que até então sofriam com a estiagem. As lavouras de sorgo estão predominantemente na fase de enchimento de grãos (mais de 50%). O ataque do pulgão da cana-de-açúcar não mais se mostra uma preocupação e, hoje, com a queda das temperaturas e o desenvolvimento avançado das lavouras, a praga encontra-se praticamente controlada e os prejuízos contabilizados. A estimativa de área é de 353,7 mil hectares, ou seja, um aumento de 35% à safra anterior.

No Distrito Federal, as lavouras encontram-se em estádios de granação (60%) e desenvolvimento vegetativo (40%). A área deverá ser incrementada em 38,6% comparando com a safra passada, saindo de 5,7 mil hectares para 7,9 mil hectares. A produtividade média deverá

alcançar 4.516 kg/ha, resultando em uma produção de 35,7 mil toneladas, 31,3% superior à obtida na safra anterior.

Em Minas Gerais, as lavouras estão totalmente semeadas, no qual dividem espaço com milho segunda safra e trigo. Nesse período, lavouras estão entrando em fase de floração. Aumento de área de 0,5% e um incremento na produção de 14,4% em relação à safra anterior.

Em São Paulo, assim como nas principais regiões produtoras desse cereal no país, o principal fator limitante das culturas implantadas no outono-inverno é a disponibilidade hídrica. A escassez e a distribuição irregular nesse período do ano, onde a falta de chuvas constituem elevados riscos de perdas de produtividade do milho e de outras culturas graníferas, devido as deficiências hídricas que geralmente ocorrem nas fases críticas de desenvolvimento das culturas.

Para minimizar riscos e maiores perdas nas lavouras, o produtor tem optado pelo cultivo do sorgo, por sua rusticidade, resistência e tolerância a períodos de baixa umidade do solo. Diante deste fato, há um crescimento de área de 1,5% em relação à safra anterior e um incremento na produtividade de 4,1%.

Quadro 12 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo									
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Vale São-Franciscano da Bahia	P	P/G/DV	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C		
MS	Leste de Mato Grosso do Sul				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Sudeste Mato-grossense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



5.2. CULTURAS DE INVERNO

A safra 2020 para as culturas de inverno está em andamento com a implantação das lavouras, especialmente de trigo, nas principais regiões produtoras do país. De maneira geral, são esperados mais de 2.753,5 mil hectares destinados ao plantio desses cereais de inverno,

representando crescimento de 5,5% em comparação à área plantada com essas culturas na temporada passada. Além disso, a estimativa inicial de produção também aponta para incremento em relação ao mesmo período, podendo chegar a 7.084,6 mil toneladas produzidas.

5.2.1. AVEIA BRANCA

No Paraná, o plantio da cultura já passa da metade dos 88,1 mil hectares previstos nessa safra. A expectativa é que as atividades sejam finalizadas até julho, especialmente nas regiões mais frias do estado, que apresentam uma semeadura mais tardia. Atualmente, as lavouras já implantadas estão em estádios de germinação e desenvolvimento vegetativo e, apesar do período de estiagem registrado em maio, a maior parte delas ainda é considerada em boas condições.

No Rio Grande do Sul, a semeadura do cereal foi iniciada nas regiões de Missões e Planalto Médio, aproveitando as chuvas de maio que recompuseram a umidade do solo nessas localidades. A perspectiva geral para o estado é que sejam semeados cerca de 271,1 mil hectares com a cultura nessa safra, com projeção de produção na ordem de 669,1 mil toneladas.

Quadro 13 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MT	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Ocidental Paranaense				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Centro Oriental Paranaense					PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

5.2.2. CANOLA

No Paraná, a cultura é semeada em regiões distintas, mantendo maior concentração das lavouras no centro-sul, centro-oriental e norte pioneiro. Desde o fim de maio o plantio foi concluído no estado, a área plantada apresentou redução de 55,3%, ficando em 400 hectares. As condições das lavouras estão boas, até o momento, com perspectiva de produção 500 toneladas.

O Rio Grande do Sul é o grande produtor da cultura em âmbito nacional. O estado concentra grande parte da sua produção na região das Missões, que inclusive, apresenta uma semeadura mais precoce do que a visualizada nas demais regiões. De maneira geral, são esperados cerca de 33,1 mil hectares destinados ao plantio do cereal, com projeção de produção de mais de 47 mil toneladas.

5.2.3. CENTEIO

No Paraná, o plantio do centeio está previsto para iniciar a partir de junho, com projeção de destinação de 3,2 mil hectares. Tal número indica aumento de 26% na área plantada em comparação à temporada passada. Essa variação pode ser creditada aos bene-

fícios que o cereal traz, tanto na alimentação, como nos quesitos agrônômicos, com a constituição de uma boa cobertura superficial ao solo por meio de sua palhada, além de melhor ciclagem dos nutrientes.



5.2.4. CEVADA

No Paraná, o plantio ainda não foi iniciado, algo que deverá ocorrer a partir de junho. A área prevista para tal cultivo é de aproximadamente 65,1 mil hectares, sendo 7,2% superior à safra passada.

Em Santa Catarina, devido aos baixos resultados obtidos em alguns municípios na safra passada e aos preços mais atrativos do trigo, prevê-se uma diminuição

5.2.5. TRIGO

Na Bahia, a previsão é que sejam semeados cerca de 3 mil hectares, com projeção de início das operações a partir junho. A região produtora está localizada principalmente entre os municípios de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, Riachão das Neves, São Desidério e Formosa do Rio Preto.

Em Mato Grosso do Sul há uma previsão otimista para a atual safra de trigo, especialmente pela recuperação dos preços do produto. Esse estímulo, atrelado a normalização do clima dentro da janela do zoneamento agrícola para a cultura, favoreceram o aumento do ritmo de plantio e tende a confirmar a perspectiva de incremento na área plantada, que deve sair de 27,2 mil hectares no ano passado, para 32 mil hectares semeados nessa temporada. Atualmente, as lavouras implantadas estão 15% em fase de emergência, 75% em desenvolvimento vegetativo e 10% iniciando a fase produtiva.

Em Goiás, o trigo é cultivado tanto em condições irrigadas (sistema pivô central) como em manejo de sequeiro, sendo que nessa temporada, cerca de 50% das lavouras serão manejadas em sequeiro e os outros 50% em condição irrigada. No geral, a área plantada no estado apresentou diminuição em comparação à temporada anterior, saindo de 32,4 mil hectares em 2019 para 23,1 mil hectares nessa safra. Atualmente, as lavouras de sequeiro, plantadas mais cedo, estão em fase de perfilhamento, enquanto que as áreas destinadas à triticultura irrigada estão em fases mais precoces, como emergência e desenvolvimento vegetativo.

No Distrito Federal houve aumento na área plantada, especialmente em razão dos melhores preços pago pelo produto nessa safra em comparação com o ciclo anterior. Foram 2,6 mil hectares destinados à produção de trigo, com o cultivo sendo manejado tanto em condições de sequeiro como irrigado. As lavouras em sequeiro estão apresentando desenvolvendo satisfatoriamente, até o momento, favorecidas pelo clima considerado adequado à cultura, bem como a ausência de doenças e pragas. Já para o trigo irrigado, que ainda está em fase de plantio, as estimativas indicam

na área semeada de 28,6% alcançando mil hectares. As operações de plantio estão se iniciando, com previsão de finalização até julho.

No Rio Grande do Sul, a expectativa inicial é de manutenção da área plantada em relação ao ciclo passado, devendo permanecer em 56,7 mil hectares semeados. O plantio está previsto para se iniciar em junho.

leve aumento de área e de produtividade visto que o as temperaturas estão mais baixas.

Em Minas Gerais, a triticultura é manejada tanto em condição de sequeiro como em sistema irrigado. De maneira geral, as lavouras de sequeiro já foram semeadas e estão em fase de desenvolvimento vegetativo, migrando para o início da frutificação. Já as áreas destinadas ao cultivo irrigado tiveram uma semeadura mais tardia, porém já finalizaram seu plantio. Ao todo foram aproximadamente 83,3 mil hectares destinados à triticultura nesta safra, com projeção inicial de produção na ordem de 219,6 mil toneladas.

Em São Paulo, a expectativa inicial é de incremento na área plantada com a cultura em comparação ao ano passado. As melhores condições de mercado para a comercialização do cereal estimula a maior destinação de área para a triticultura nesse ciclo. São esperados cerca de 81 mil hectares semeados nesta temporada, indicando incremento de 4,6%. As lavouras ainda estão em fase inicial de desenvolvimento, sendo que ainda existe uma expectativa de que 20% dessa área estimada sejam cultivadas nesse mês. O sudoeste do estado é a região de maior concentração da produção, principalmente pelo clima mais propício à cultura registrado na localidade.

No Paraná, a região norte caminha para a finalização do plantio, com previsão de encerramento em junho. Já na região sul do estado, a semeadura ainda vai iniciar. Houve atraso nas operações devido à estiagem, mas com as últimas chuvas registradas em maio, o plantio deve avançar. De modo geral, a área plantada deverá ter acréscimo de 6,5% quando comparada à safra anterior, principalmente em razão dos bons preços pelo cereal atualmente, bem como a tradição do estado com a triticultura. Dessa forma, a estimativa é de 1.090,2 mil hectares nesse ano, com projeção de produção inicial na ordem de 2.683 mil toneladas.

Em Santa Catarina, a semeadura do trigo iniciou na região meio-oeste com cerca de 4% dos 53 mil hectares estimados para essa safra. Esse valor de área in-



dica aumento de 5% em relação a 2019. Tal variação baseia-se em alguns fatores como as dificuldades encontradas pelos produtores catarinenses nas culturas de primeira safra, em razão dos problemas climáticos, gerando maior expectativa nessa safra de inverno, o aumento do preço do trigo devido a baixa oferta, além do fomento por parte das empresas que possuem moagem própria. Vale destacar que, até o momento, o clima tem sido favorável ao desenvolvimento das primeiras lavouras semeadas, e a previsão de novas chuvas no decorrer de junho deve beneficiar o avanço desta fase, além de propiciar o bom desenvolvimento das plantas.

No Rio Grande do Sul, as chuvas ocorridas em maio fi-

zeram com que a umidade do solo, que estava muito baixa devido à seca que ocorreu no estado desde dezembro de 2019, fosse restabelecida. Isso propiciou o início das operações de semeadura, principalmente na região oeste do estado, onde o zoneamento da cultura inicia no último decêndio de maio. Assim, temos cerca de 8% semeado, com destaque à região Missões. Nas demais regiões, a semeadura está iniciando, ou ainda não iniciou, e deve se intensificar durante em junho. A frustração da safra de verão (milho e soja) e a consequente necessidade de compensação das perdas aumentam as perspectivas de mercado futuro. Nesse cenário, a expectativa atual é de acréscimo de 10% na área plantada em comparação ao ano passado, chegando a 809,5 mil hectares semeados nessa temporada.

Quadro 14 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					PP	PG/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Oeste Catarinense					P	P/G/DV	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Catarinense					P	P/G/DV	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Serrana						P/G/DV	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	P/G/DV	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

5.2.6. TRITICALE

Em São Paulo, a área estimada para o plantio da cultura nesta safra é de 3,6 mil hectares, simbolizando aumento de 5% em comparação à temporada anterior. A produtividade média projetada é de 2.884 kg/ha, perfazendo uma produção de 10,4 mil toneladas.

No Paraná, a expectativa é que sejam semeados 6,3 mil hectares com o triticale nesta safra. Ao final de maio, cerca de 16% dessa área já havia sido plantada, com previsão de conclusão das operações ainda em junho.





6. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

6.1. ALGODÃO

O Brasil exportou 69,55 mil toneladas em maio de 2020, volume 19% inferior ao mesmo período do ano passado. No ano comercial, que se encerrará em junho, já foram exportados 1,91 milhão de toneladas, ante 1,25 milhão de toneladas no mesmo período de 2019. Esse valor representa que os produtores conseguiram exportar cerca de 90% do saldo entre produção e consumo internos, o que mostra boa eficiência diante da produção recorde.

Apesar da queda em relação ao mesmo mês do ano passado, o volume exportado é considerado bom, diante da crise atual, momento em que novos negócios são quase escassos. Os embarques são de contratos previamente firmados. Para 2020, a expectativa do setor de exportar 2 milhões de toneladas continua revista para cerca de 1,7 milhão de toneladas. Com isso, o estoque para o final deste ano, previsto pela Conab, passou de 1,6 milhão para próximo das 2 milhões de toneladas, fator que deverá causar pressão negativa nos preços.

As previsões do Comitê Consultivo Internacional do Algodão (ICAC, sigla em inglês) para a safra 2019/20 é de uma queda de 11% no consumo mundial. Destques para as quedas de 12% na China, 12% na Índia, 7% no Paquistão e 8% no Vietnã. E claro, esse contexto se

estende para o Brasil. Depois da expectativa do país consumir internamente cerca de 700 mil toneladas, o volume previsto caiu para cerca de 640 mil toneladas. Além da perda de renda por parte da população,

6.2. ARROZ

Apesar da reduzida safra 2018/19, a significativa retração do consumo, identificado no período de comercialização de tal safra, refletiu em preços próximos da estabilidade com ameno viés de alta, em função do significativo saldo da balança comercial do arroz. Como resultado, nota-se, pela terceira safra consecutiva, uma redução nas estimativas de estoques de passagem do setor.

Para a próxima safra 2019/20, com a expectativa de expansão (+6,5%) do volume colhido, com uma balança comercial superavitária estimada em 400 mil toneladas e com crescimento do consumo (+5,0%), projeta-se preço elevado ao longo de todo o período de comercialização da nova safra. Mais especificamente sobre o incremento esperado de consumo, com o prolongamen-

6.3. FEIJÃO

A escassez de chuva em boa parte das regiões produtoras do país está contribuindo, negativamente, para aumentar as quebras da safra dessa leguminosa, reduzindo a cada dia a qualidade e a quantidade da mercadoria ofertada. Desta maneira, o mercado continua trabalhando com um quadro de oferta muito apertado, estimulando os produtores a elevarem os preços do grão. No entanto, a partir de meados de junho, à medida que for avançando a colheita de Minas Gerais, Mato Grosso, São Paulo, dentre outros estados, disponibilizando no mercado cerca de 268,3 mil toneladas de feijão comum cores, 22,9 mil toneladas de feijão comum preto, e 167,4 mil toneladas de feijão caupi, a expectativa é de preços

FEIJÃO-COMUM PRETO

O mercado segue calmo e, independentemente da grande diferença de preços em relação ao feijão carioca, as cotações se encontram praticamente estáveis.

Em relação à balança comercial, a redução nas importações é reflexo da forte valorização do dólar frente ao real, e ainda em 2019 ocorreu uma maior necessidade de importação, vez que as chuvas excessivas, registradas no final de maio, no Paraná, comprometeram cerca de 30 mil toneladas de feijão-comum preto. Já para as exportações, identifica-se um mercado comprador consolidado, porém sem perspectiva de expansão, em fun-

o isolamento social e o fechamento de lojas afetam fortemente o consumo de algodão no varejo. Diante da baixa demanda, muitas indústrias diminuíram o seu ritmo de produção.

to da crise de Covid-19 e o isolamento social de parte da população, identifica-se um aumento na alimentação em domicílio, o que seguramente refletirá em aumento de consumo de arroz.

Em relação à balança comercial, depois de um superávit de 865,1 mil toneladas na Safra 2017/18, houve uma retração do superávit para 323,1 mil toneladas. Para a safra 2019/20, de março de 2020 até fevereiro de 2021, projetam-se uma exportação de 1,5 milhão de toneladas e uma importação de 1,1 milhão de toneladas, com a perspectiva de forte demanda internacional e preços nacionais competitivos no mercado internacional. No acumulado do período comercial atual, de março de 2020 a maio de 2020, já se contabiliza um superávit de 239,2 mil toneladas.

mais baixos, dando maior equilíbrio entre a oferta e demanda.

Há de se mencionar que a Região Nordeste do Brasil não é autossuficiente na produção, no entanto, a boa safra contribuiu para uma colheita superior em 40 mil toneladas à registrada em 2019. Desse modo, é bem possível que ocorra uma menor demanda pelo feijão produzido em outras regiões do país. Assim, a procura em comento deverá concentrar-se no feijão caupi, que está sendo colhido no Mato Grosso, onde os preços estão bem mais atrativos. Tal situação provavelmente pressionará para baixo as cotações do feijão carioca.

ção da redução no plantio, do elevado preço do produto e do limitado mercado internacional de feijão caupi, tipo de grão exportado pelo país.

Em suma, para a temporada 2019/20 prevê-se o seguinte: computando as três safras, chega-se a um volume médio de produção estimado em 3,07 milhões de toneladas. Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 240,7 mil toneladas, o consumo em 3,05 milhões de toneladas, as importações em 100 mil toneladas e as exportações de 160 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem da ordem de 204,6 mil toneladas.



6.4. MILHO

Com a diminuição da expectativa de produção, o estoque final de milho previsto, neste relatório, reduz em pouco mais de 1,2 milhão de toneladas em relação à estimativa anterior.

Este estoque corresponde à uma relação estoque/consumo de 9,6%, em termos absolutos pouco mais de um mês de consumo, considerando que as exportações ocorressem no mesmo montante todo mês, o que não acontece, tendo em vista que a sazonalidade de exportação indica o primeiro semestre do ano, com volumes de embarques bem mais baixos. Desta feita, este estoque é capaz de atender a demanda doméstica.

Todavia, o que o setor de proteína animal deve se atentar é sobre a localização deste volume de milho

6.5. SOJA

As exportações acumuladas de soja de janeiro a maio chegaram, de acordo com a Secretaria de Comércio Exterior a 48 milhões de toneladas, um volume recorde para o período e, ao mesmo tempo, um comportamento incomum, visto que a média do período, nos últimos 3 anos, foi de 35 milhões de toneladas, mesmo na safra 2017/18, onde o país teve um recorde de embarques.

Entretanto, este comportamento de embarques é completamente atípico, visto que as exportações de soja costumam ser mais distribuídas ao longo do semestre, sobretudo entre março e junho. Observou-se um volume significativo de abril e maio, cerca de 15 milhões de toneladas nos dois meses.

É fato que as incertezas em relação aos impactos da Covid-19 na comercialização e logística de movimentação da produção agropecuária podem ter afetado as decisões das tradings na contratação de caminhões, ferrovias e navios, adiantando o volume de exportação.

Outro ponto é que, os últimos meses, foram marcados por altas históricas do dólar frente ao real, o que favoreceu a paridade de exportação e os preços domésticos que chegaram a patamares bem elevados. A expectativa é de que com a valorização do real e retomada aos poucos da economia, os preços nos portos tenham queda, mesmo porque, as cotações da oleaginosa na Bolsa de Chicago tem tendência bai-

em estoque, que poderá não ter um volume significativo no Mato Grosso, o maior produtor de milho, visto que cerca de 80% da safra 2019/20 deste estado já está comercializada.

As cotações estão com tendências de baixa caminhando para os índices de paridade de exportação.

As exportações devem seguir o ritmo mais forte a partir de junho, visto que muitos contratos começam a ser cumpridos e a colheita deve avançar bem em junho.

Houve um pequeno ajuste na exportação da safra anterior, visto que a Secretaria de Comércio Exterior – Secex fez alguns ajustes mensais.

xista, diante da expectativa de boa safra nos Estados Unidos.

A relação comercial entre China e Estados Unidos, que continua conflituosa, pode se alterar repentinamente, impactando na demanda chinesa pela soja norte-americana e, com isso, afetar o Brasil.

Diante do exposto, a estimativa de exportação brasileira de soja é de 77 milhões de toneladas, sendo este número o segundo maior volume de soja exportado pelo Brasil da história.

O consumo tende a ter um pequeno decréscimo, tendo em vista o mercado além de estar voltado ao consumo externo. Além disso, a demanda por farelo de soja pode ficar aquém do que o mercado previa, já que o consumo de carnes em bares e restaurantes diminuiu significativamente, impactando na demanda doméstica, a qual também, algumas cadeias, já começam a utilizar o DDGs na alimentação animal, algo não muito expressivo, pouco mais de 1 milhão de toneladas, mas já afeta um pouco o consumo de farelo de soja.

Assim, o consumo total deve reduzir pouco mais de 500 mil toneladas, ficando em 45,8 milhões de toneladas, com um esmagamento previsto de 42,8 milhões de toneladas, 600 mil a menos que na safra anterior. As importações sobem para 250 mil toneladas, visto que o Brasil já importou 182 mil toneladas até maio.



6.6. TRIGO

Em maio de 2020, as atenções no mercado interno se encontravam voltadas para os trabalhos de semeadura iniciados nos principais estados produtores do Brasil. Com restrição de produto nacional e alta dependência de importações, as cotações apresentaram valorizações pelo sexto mês consecutivo no Paraná e pelo quinto mês consecutivo no Rio Grande do Sul. O trigo pão foi negociado a um preço médio de R\$ 61,25,50 a saca no Paraná, apresentando valorização mensal de 4,71% e, no Rio Grande do Sul, a cotação média mensal foi cotada a R\$ 52,87 a saca, valorização de 10%.

Já a cotação FOB Golfo apresentou desvalorização, em resposta à ampla oferta mundial, à menor demanda pelo trigo devido à pandemia do novo coro-

navírus e à alta do dólar em relação às outras moedas. A média mensal foi de US\$ 215,53 a tonelada, apresentando desvalorização de 8,4%.

Para suprir a demanda interna, em maio de 2020 foram importados 466,8 mil toneladas, sendo 85,10% de origem argentina, 12,7% de trigo dos EUA e 2,17% de trigo proveniente do Paraguai. Praticamente não houveram exportações no mesmo período.

A Conab revisou os números relativos ao Quadro de Oferta e Demanda para a safra 2020/21, no que se refere ao volume de uso para sementes devido ao aumento da estimativa de área a ser plantada na safra vindoura, que passou de 313,4 mil toneladas para 326,7 mil toneladas.



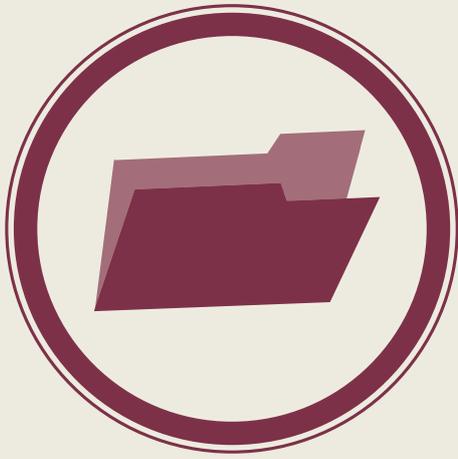
Tabela 5 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPOR-TAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2013/14	445,5	1.734,0	31,5	2.211,0	810,0	748,6	652,4
	2014/15	652,4	1.562,8	2,0	2.217,2	670,0	834,3	712,9
	2015/16	712,9	1.289,2	27,0	2.029,1	640,0	804,0	585,1
	2016/17	585,1	1.529,5	33,6	2.148,2	685,0	834,1	629,1
	2017/18	629,1	2.005,8	30,0	2.664,9	670,0	974,0	1.020,9
	2018/19	1.020,9	2.778,8	1,7	3.801,4	700,0	1.669,5	1.431,9
	2019/20	Mai/20	1.431,9	2.879,0	1,0	4.311,9	650,0	1.700,0
	Jun/20	1.431,9	2.886,0	1,0	4.318,9	640,0	1.700,0	1.978,9
Arroz em casca	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
	2017/18	711,6	12.064,2	845,2	13.621,0	11.239,0	1.710,2	671,8
	2018/19	671,8	10.445,1	1.037,7	12.154,6	10.281,4	1.360,9	512,3
	2019/20	Mai/20	543,7	10.884,3	1.100,0	12.528,0	10.600,0	1.100,0
	Jun/20	512,3	11.126,1	1.100,0	12.738,4	10.800,0	1.500,0	438,4
Feijão	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
	2017/18	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
	2018/19	287,4	3.017,7	149,6	3.454,7	3.050,0	164,0	240,7
	2019/20	Mai/20	239,9	3.048,1	100,0	3.388,0	3.050,0	160,0
	Jun/20	240,7	3.073,9	100,0	3.414,6	3.050,0	160,0	204,6
Milho	2013/14	6.246,4	80.051,7	789,2	87.087,3	53.676,0	20.882,8	12.528,5
	2014/15	12.528,5	84.672,4	315,4	97.516,3	54.650,9	30.131,3	12.734,1
	2015/16	12.734,1	66.530,6	3.336,2	82.600,9	54.837,1	18.847,3	8.916,5
	2016/17	8.916,5	97.842,8	952,5	107.711,8	57.643,9	30.813,1	19.254,8
	2017/18	19.254,8	80.709,5	900,7	100.865,0	60.945,1	23.742,2	16.177,7
	2018/19	16.177,7	100.042,7	1.596,4	117.816,8	65.716,3	41.074,0	11.026,5
	2019/20	Mai/20	10.930,9	102.336,6	900,0	114.167,5	68.523,0	34.500,0
	Jun/20	11.026,5	100.992,9	900,0	112.919,4	68.523,0	34.500,0	9.896,4
Trigo	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.262,1	6.387,0	13.179,2	11.287,4	206,2	1.685,6
	2018	1.685,6	5.427,6	6.753,1	13.866,3	12.481,4	582,9	802,0
	2019	802,0	5.154,7	7.200,0	13.156,7	12.506,1	400,0	250,6
	2020	Mai/20	250,6	5.432,8	7.300,0	12.983,4	12.513,4	300,0
	Jun/20	250,6	5.690,4	7.300,0	13.241,0	12.526,7	300,0	414,3

Fonte: Secex, importação e exportação até a safra 2019/20; Conab, demais dados.

Notas: Estimativa em maio/2020/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.



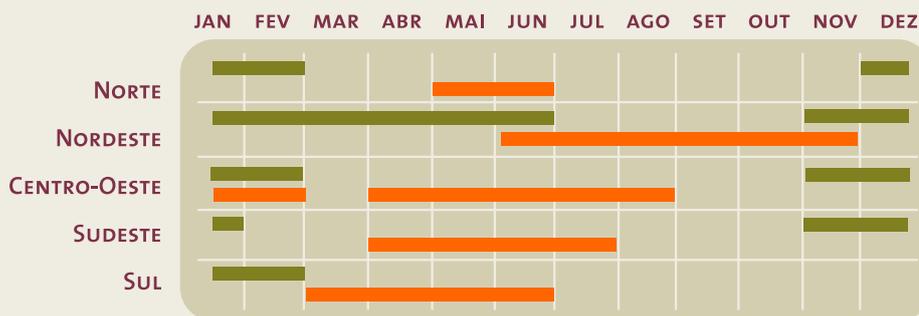


7. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA

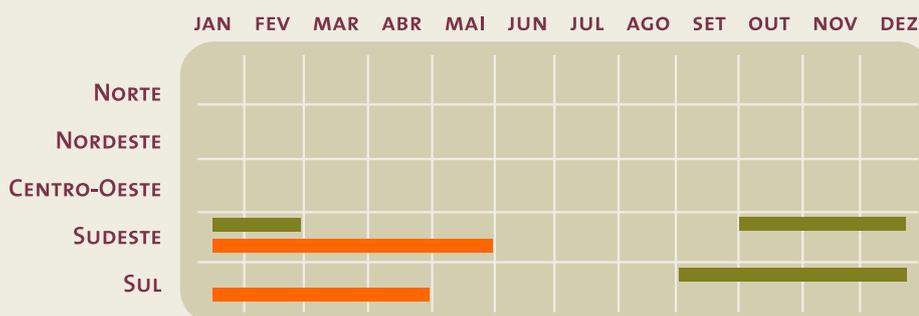
■ Plantio ■ Colheita



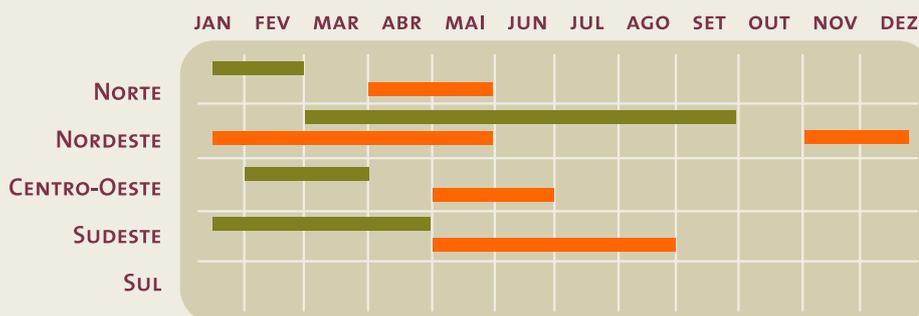
Algodão



Amendoim 1ª safra



Amendoim 2ª safra



Arroz

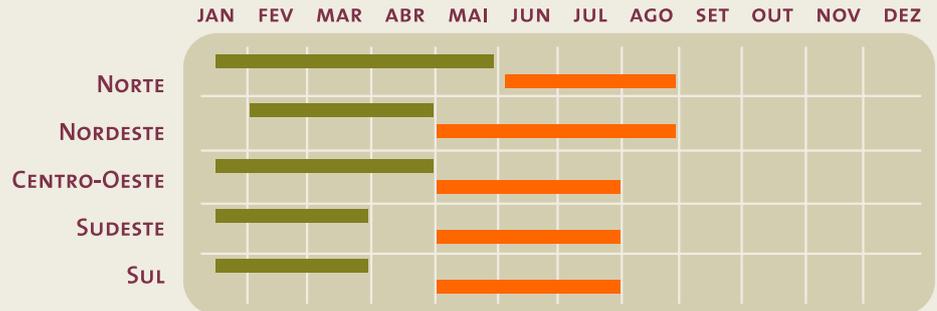


Feijão 1ª safra

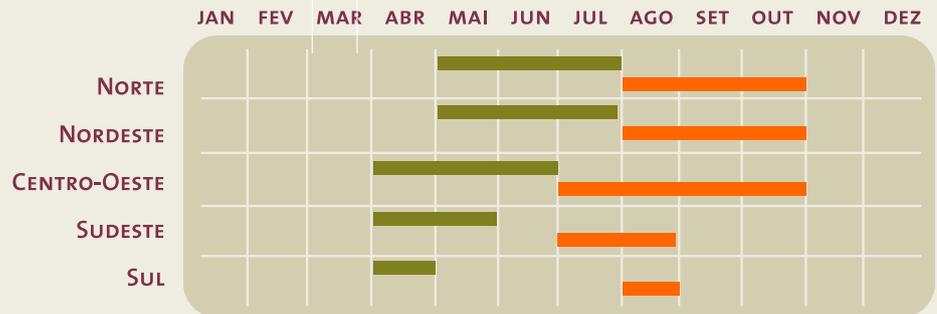




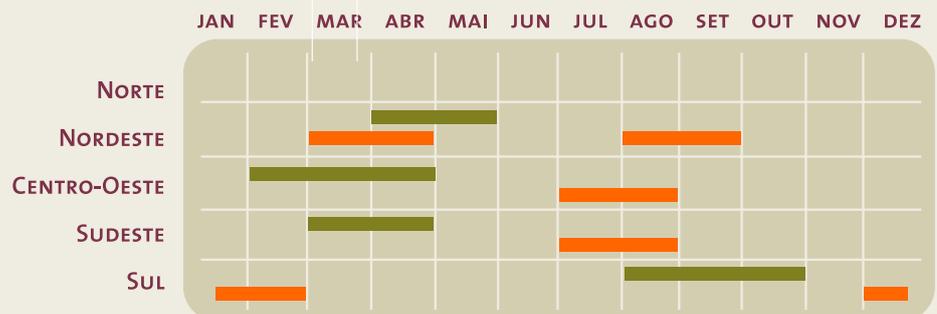
Feijão 2ª safra



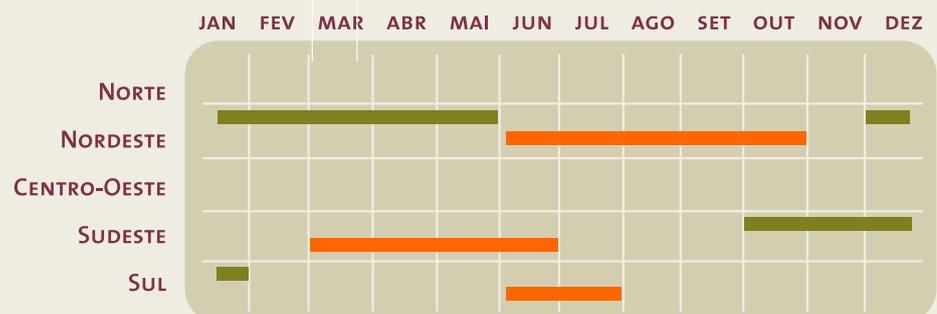
Feijão 3ª safra



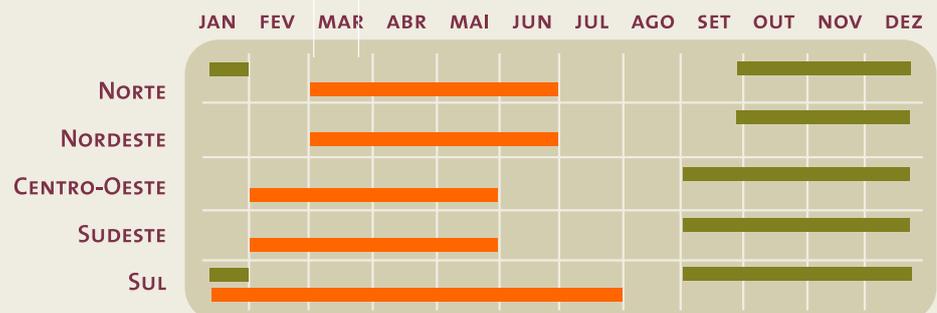
Girassol



Mamona

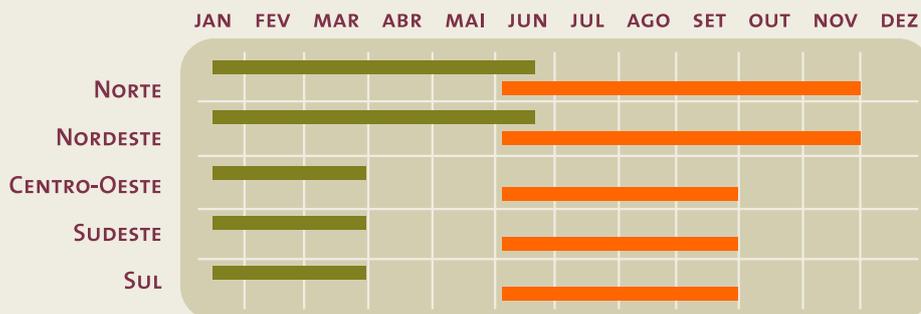


Milho 1ª safra





Milho 2ª safra



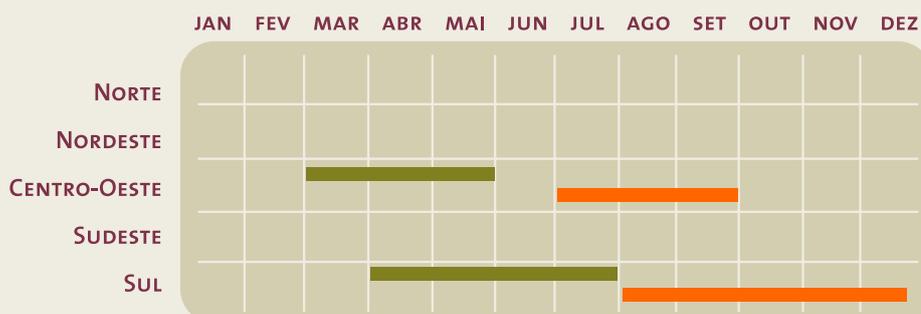
Soja



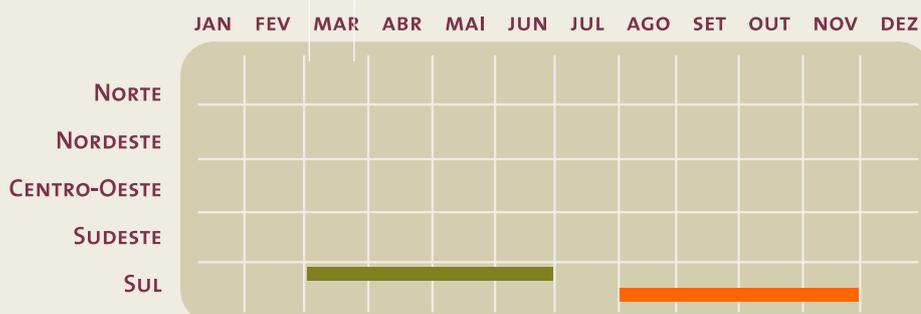
Sorgo



Aveia

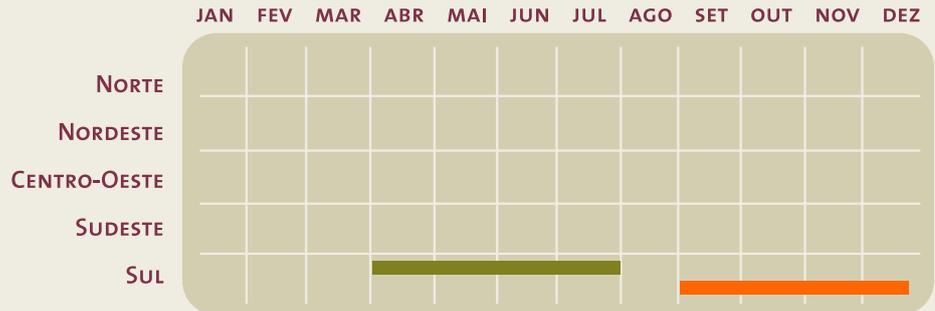


Canola

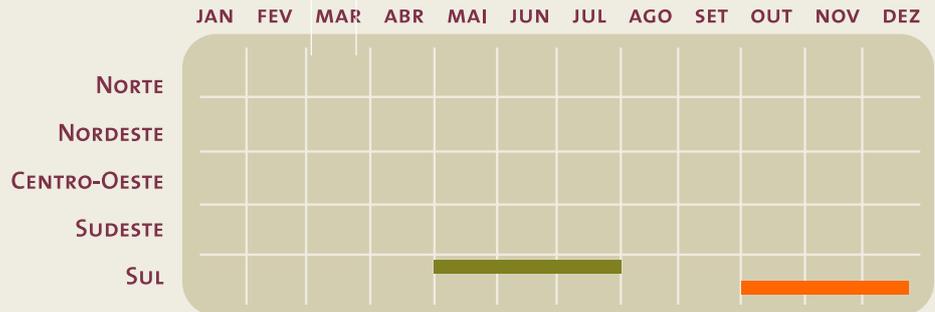




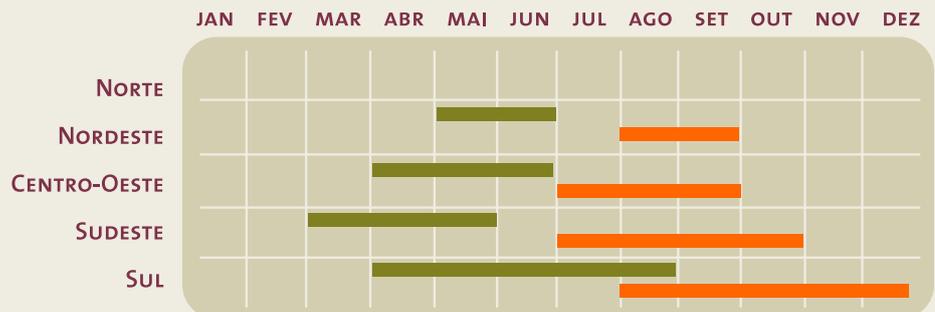
Centeio



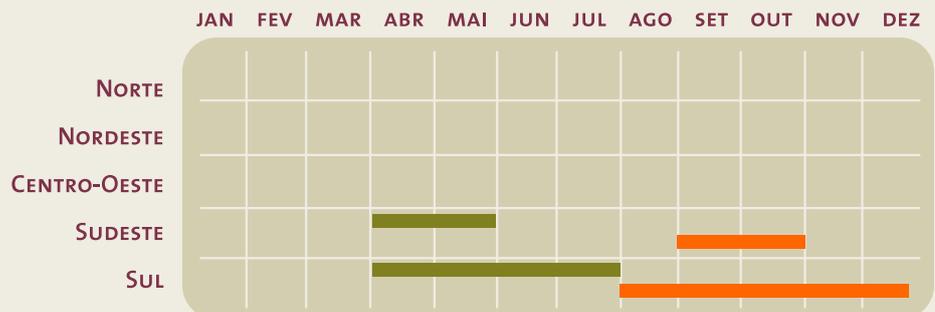
Cevada



Trigo



Triticale









MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

